

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Thaynara Luiza de Vargas

**“LI NA INTERNET, DEVE SER VERDADE”:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS DIZERES NAS REDES SOCIAIS
SOBRE MULHERES PÚBLICAS NA POLÍTICA**

Santa Maria, RS

2020

Thaynara Luiza de Vargas

**“LI NA INTERNET, DEVE SER VERDADE”:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS DIZERES NAS REDES SOCIAIS SOBRE
MULHERES PÚBLICAS NA POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Profa. Dra. Taís da Silva Martins

Santa Maria, RS

2020

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

VARGAS, Thaynara Luiza de Vargas
"LI NA INTERNET, DEVE SER VERDADE": UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DOS DIZERES NAS REDES SOCIAIS SOBRE MULHERES
PÚBLICAS NA POLÍTICA / Thaynara Luiza de Vargas VARGAS.-
2020.
96 p.; 30 cm

Orientadora: TAÍS DA SILVA MARTINS MARTINS
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação
em Letras, RS, 2020

1. Discurso 2. Mulher 3. Redes sociais 4. Notícias
falsas 5. Política I. MARTINS, TAÍS DA SILVA MARTINS
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

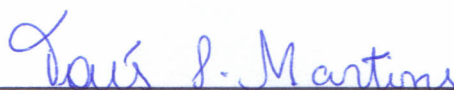
Declaro, THAYNARA LUIZA DE VARGAS VARGAS, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Thaynara Luiza de Vargas

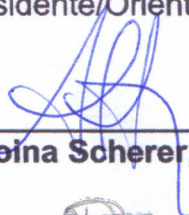
**“LI NA INTERNET, DEVE SER VERDADE”:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS DIZERES NAS REDES SOCIAIS SOBRE
MULHERES PÚBLICAS NA POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Aprovado em 16 de março de 2020:



Taís da Silva Martins, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Amanda Eloína Scherer, Dra. (UFSM)



Dantielli Assumpção Garcia, Dra. (UNIOESTE) - Videoconferência

Santa Maria, RS
2020

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista a meus pais, por quem tudo foi possível,
por nunca terem medido esforços para que a minha trajetória
estudantil fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela oportunidade desta vida e de estar neste mundo para aprender, errar, crescer e evoluir...

À minha mãe, Eliane, por seu amor incondicional, por tudo que fez e faz por mim e para que eu pudesse cursar uma graduação e um mestrado, por sempre me apoiar, me ouvir e me incentivar!

Ao meu pai, Luiz, por todos os seus esforços também para que eu tivesse condições de estudar, por me buscar e levar aqui e ali, por ser e estar sempre presente me auxiliando.

À minha orientadora, professora Taís Martins, por todo o suporte e auxílio. Por ser, além de excelente profissional, um admirável ser humano, sendo sempre compreensiva.

Ao meu namorado, Rolf, por ter me acompanhado desde os tempos da graduação, sempre com os livros e notebook em nossos muitos finais de semana de estudos. E por sempre me incentivar perguntando: “e aí, quantas páginas da dissertação tu já fez hoje?”.

Ao amor da minha vida, meu anjo felino de quatro patas, Mehl, que no início da escrita desta dissertação dormia na gaveta da escrivaninha onde eu estudava, isso quando não deitava em cima do notebook mesmo, para ficar sempre perto de mim e que, infelizmente, partiu justo nos meses finais de escrita deixando tudo mais difícil...

À banca, professoras Amanda e Dantielli, pela leitura atenta e pelas contribuições para a melhoria de meu trabalho.

À CAPES/CNPq, pelo auxílio financeiro.

A todos os colegas e amigos que fizeram parte da minha caminhada até aqui.

Sem todos vocês nada disso seria possível. Obrigada!

Por fim, agradeço a mim mesma, por seguir um sonho, por nunca desistir, por acreditar em mim mesma. Afinal, se não fosse grata nem a mim, que sentido teria a vida?!

RESUMO

“LI NA INTERNET, DEVE SER VERDADE”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS DIZERES SOBRE MULHERES POLÍTICAS NAS REDES SOCIAIS

AUTORA: Thaynara Luiza de Vargas

ORIENTADORA: Profa. Dra. Taís da Silva Martins

O nosso aparato teórico para desenvolver o trabalho “*Li na internet, deve ser verdade*”: *uma análise discursiva dos dizeres sobre a mulher nas redes sociais* baseia-se na Análise de Discurso de linha francesa, estruturada por Michel Pêcheux na França e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi, sendo que, a partir dessa perspectiva teórica, buscamos analisar como se constitui o discurso sobre a mulher em notícias falsas que se espalham na internet como sendo verdades. Nosso principal objetivo consiste em analisarmos recortes de materialidades discursivas encontradas nas redes sociais, em especial no *Facebook*, que contenham comentários e opiniões sobre mulheres políticas a partir de notícias falsas, as chamadas *fake news*, para buscarmos explicitar quais sentidos produzem os dizeres sobre a mulher política no século XXI. Para isso, selecionamos casos de maior repercussão nacional, como a morte da vereadora Marielle Franco, no Rio de Janeiro, que causou diversas *fake news* que incitavam o ódio contra a vítima, bem como as várias notícias falsas sobre Manuela D’ávila, que se espalharam na internet durante sua candidatura à vice-presidência do país. Quanto à metodologia, em um primeiro momento, fizemos um mapeamento de publicações que continham dizeres sobre mulheres políticas – dando prioridade a casos de grande repercussão –, para então constituirmos o *corpus* de nosso trabalho. Posteriormente, fizemos a análise de nosso objeto de pesquisa, a fim de identificar se os sentidos que estão em jogo atualmente sobre a mulher rompem ou não com enunciados que a cultura machista estabilizou no senso comum e na memória. Ao final desta pesquisa, explicitamos como os dizeres sobre a mulher política produzem sentidos ainda tão machistas em pleno século XXI, mesmo com as lutas feministas e todas as conquistas já conquistadas com elas. Ao apresentarmos os resultados, buscamos refletir sobre como as notícias falsas sobre as mulheres políticas estão funcionando por trás de ideologias que sobrepõem o homem em detrimento da mulher, desvalorizando-a e refletem sentidos que tomam a mulher (política) como objeto de dizeres advindos de formações discursivas machistas.

Palavras-chave: Discurso. Mulher. Redes Sociais. Notícias Falsas. Política.

ABSTRACT

“I READ ON THE INTERNET, IT MUST BE TRUE”: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE SAYINGS ABOUT POLITICAL WOMEN ON SOCIAL MEDIAS

AUTHOR: Thaynara Luiza de Vargas

ADVISOR: Profa. Dra. Taís da Silva Martins

Our theoretical apparatus to develop the work “I read on the internet, it must be true”: a discursive analysis of the sayings about political women on social medias is based on the Discourse Analysis of French line, structured by Michel Pêcheux in France and developed in Brazil by Eni Orlandi, and from this theoretical perspective, we seek to analyze how discourse about women is constituted in false news that spread on the internet as being truths. Our main objective is to analyze clippings of discursive materialities found on social medias, especially on Facebook, which contain comments and opinions about women from false news, the so-called fake news, in order to try to explain which meanings produce the sayings about the political woman in the 21st century. For this, we selected cases of greater national repercussion, such as the death of city councilor Marielle Franco, in Rio de Janeiro, which caused several fake news stories that incited hatred against the victim, as well as several fake news about Manuela D'ávila, which spread on the internet during her candidacy for the country's vice presidency. As for the methodology, at first, we mapped publications that contained discourse about women - giving priority to cases of great repercussion -, so that we could then constitute the corpus of our work. Subsequently, we analyzed our research object, in order to identify whether the meanings that are currently at stake about women break or not with statements that the male chauvinism has stabilized in common sense and memory. At the end of this research, we explain how the statements about the political woman produce meanings that are still so male chauvinists in the 21st century, even with feminist struggles and all the conquests already achieved with them. In presenting the results, we seek to reflect on how the false news about political women are working behind ideologies that overlap men at the expense of women, devaluing them and reflect meanings that take women (political) as the object of sayings arising from male chauvinism discursive formations.

Keywords: Discourse. Women. Social Medias. Fake News. Politics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Fato ou Fake”: serviço lançado pelo grupo G1 para checagem de conteúdos.....	24
Figura 2 – Nazaré Confusa	33
Figura 3 - Vi na internet: deve ser verdade	35
Figura 4 – Evolução no Brasil dos direitos da mulher – “Pra que serve o feminismo”	41
Figura 5 – Internauta defende que morte de Marielle não é mais relevante que outras	62
Figura 6 – Desembargadora do Rio acusa Marielle de envolvimento com bandidos	66
Figura 7 – Recorte 1.....	70
Figura 8 – Fotografia de uma mulher que internautas diziam ser Marielle	72
Figura 9 – Manuela D’ávila é a principal vítima de fake news na eleição de 2018....	75
Figura 10 – Candidata à vice-presidência, Manuela alerta sobre fake news	77
Figura 11 – Recorte 2.....	79
Figura 12 – Recorte 3.....	79
Figura 13 – Recorte 4.....	81
Figura 14 – Recorte 5.....	82
Figura 15 – Manuela faz desabafo após fotografia manipulada se espalhar pelas redes sociais	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação entre Marielle e médica assassinada no RJ feita por internauta na rede social Facebook	62
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. INTERNET: UM NOVO ESPAÇO PARA UMA PRÁTICA ANTIGA.....	19
2.1 AS FAKE NEWS E A POLÍTICA	29
2.2. “LI NA INTERNET... DEVE SER VERDADE”	31
2.3. A INTERNET COMO ESPAÇO DE DIZER: FUNCIONAMENTO DOS DISCURSOS NO MUNDO DIGITAL	36
3. AS MULHERES NA SOCIEDADE	39
3.1 OS DIFERENTES FEMINISMOS E AS MULHERES NA POLÍTICA.....	45
3.2 FORMAÇÃO IDEOLÓGICA: FEMINISMO X MACHISMO	51
4. OS DIZERES QUE CIRCULAM SOBRE A MULHER POLÍTICA NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA	57
4.1. O CASO MARIELLE FRANCO	59
4.2. ELEIÇÕES 2018: CANDIDATA A VICE-PRESIDENTE PELA CHAPA DO PT, MANUELA D’ÁVILA É A PRINCIPAL VÍTIMA DE FAKE NEWS PROPAGADAS PELA OPOSIÇÃO.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS.....	93

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar os discursos que circulam nas redes sociais, por meio da análise de publicações que contenham notícias falsas sobre mulheres inseridas na política do país, a fim de poder explicitar como se constitui o discurso sobre a mulher política nesses espaços digitais. Para tanto, tomamos como aparato teórico principal a Análise de discurso de linha francesa, estruturada por Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil. Desse modo, buscaremos entender o funcionamento dos sentidos desses discursos por meio de suas condições de produção. Nosso intuito principal consiste em analisar comentários e publicações de internautas¹ que se posicionam em relação à mulher, compartilhando e auxiliando a disseminação de um conteúdo falso que é tomado por ele (e, por conseguinte, por outros usuários das redes) como verdade.

Nesse viés, o processo da globalização, entendido como a integração internacional gradativa entre a política e economia que foi constantemente se expandindo, constitui as condições de produção dos discursos veiculados no espaço digital. Apesar de seu início ter se dado no fim do século XV, um dos mais importantes marcos da globalização foi consolidado nos anos 1980, quando houve um significativo avanço nos meios de transporte e de comunicação. Pelo fato desse processo tratar-se de um fenômeno mundial, adotaremos a postura de vários autores e o chamaremos, em nosso trabalho, de mundialização.

A mundialização, então, revolucionou os meios de comunicação em todo o mundo, já que foram criados os telefones (que posteriormente foram substituídos pelos celulares, que são telefones móveis tão pequenos que cabem até mesmo no bolso de uma calça, de modo que podem ser levados para qualquer lugar), os computadores, *notebooks*, entre outros aparelhos eletrônicos, mas entre as principais novidades revolucionárias do mundo moderno está a internet, que se tornou uma importante ferramenta da comunicação atual. Com ela, vieram as redes sociais, que possibilitam contato instantâneo com qualquer pessoa ao redor do mundo.

Para ilustrar o aumento da velocidade nas trocas de informações com tais avanços tecnológicos, utilizamos um exemplo comparativo: as mortes de duas

¹ Internauta é o termo usado para designar a pessoa que utiliza a internet de modo interativo e regular para atualizar-se ou comunicar-se. Para este trabalho, internauta remeterá principalmente aos usuários das redes sociais de modo geral.

personalidades importantes. Assim, a notícia² do falecimento de Abraham Lincoln, em 1865, chegou à Europa 13 dias depois do ocorrido, enquanto a morte de Michael Jackson, que ocorreu em 2009, estava sendo divulgada em tempo real para todo o mundo, dia inclusive em que algumas redes sociais tiveram problema de funcionamento, tal era a quantidade de pessoas *online*³ para se informar/comentar/compartilhar sobre esse acontecimento, acarretando um congestionamento das redes. Nesse sentido, estamos em consonância com Darós, Sousa e Garcia (2019, p. 215), quando as autoras afirmam que:

No século XXI, com o aperfeiçoamento das tecnologias e a mundialização, a mídia exerce grande poder interpelatório aos sujeitos contemporâneos, o que é definido por certo modo de produção da notícia por agências transnacionais sustentadas por corporações cada vez insistentes em enodar efeitos de informação, entretenimento e publicidade tidos como evidentes. Com a velocidade das informações, a mídia digital, em especial, faz circular determinados sentidos, que retomam aos leitores, quer sob a forma de algoritmos quer por meio de hiperlinks, produzindo um efeito de linearidade do dizer. E tais efeitos passam a ser vistos e considerados registros fiéis da realidade dos fatos como se fosse possível uma representação termo a termo entre a palavra e o mundo.

Assim, destacamos que, na sociedade hodierna, todo tipo de notícias, opiniões e comentários espalham-se rapidamente nas mídias digitais. Entretanto, nem todos os usuários *online* utilizam esses serviços do mesmo modo, pois a internet, ao mesmo tempo em que funciona como um facilitador da comunicação ou, inclusive, como meio de estudo e trabalho, também se tornou um meio para se espalharem mentiras, calúnias e preconceitos.

Isso porque a internet dá voz ao seu usuário, de modo que qualquer internauta tem a possibilidade de replicar algum conteúdo pelas redes: basta compartilhar ou postar uma notícia que ela se espalha, seja ela verdadeira ou não. Conforme Guilherme e Nunes (2007, p.197), a internet “dá a possibilidade de questionamento e de produção independente de conteúdo, o qual deixa de ser ofertado unicamente pela grande mídia e passa a ser uma possibilidade para todos os usuários da rede”. Ao fazerem tal afirmação, as autoras frisam ainda que o espaço digital abre oportunidade para grupos ou pessoas que até então não tinham espaço dentro da sociedade,

² Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-globalizacao.htm> . Acesso em: 19 maio 2019

³ *Online* é uma expressão que vem do inglês e significa “em linha”, sendo usada quando algum usuário está conectado a uma rede de comunicação por meio da internet.

grupos marginalizados, negligenciados ou silenciados. A partir daí, esse movimento dá certa visibilidade para quem antes era “invisível”.

Ao mesmo tempo, fazemos uma ressalva de que isso não significa que todos os usuários *online* vão compartilhar notícias falsas, ao mesmo tempo em que não significa que tais conteúdos são disseminados exclusivamente por eles, visto que inclusive a grande mídia pode acabar replicando esse tipo de informação.

Além disso, há outro fator que facilita e favorece uma manifestação preconceituosa ou caluniosa na internet: o anonimato. Qualquer pessoa pode criar um perfil em uma rede social, desde que tenha um *e-mail*⁴. É esse o único pré-requisito para abrir uma conta na maioria das redes existentes. Na verdade, a pessoa também deve apresentar um nome, sobrenome, uma fotografia, colocar sua data de nascimento e outros dados pessoais, como a cidade onde nasceu, entretanto, não há nenhum tipo de conferência ou checagem por parte dos organizadores dessas comunidades *online*. Sendo assim, a pessoa pode colocar um nome falso, uma imagem de perfil que não seja a sua própria fotografia (existem muitos perfis com imagens aleatórias, que não apresentam a fotografia de um rosto ou pessoa, mas sim de carros, personagens famosos, frases, bandeiras etc.) e inventar todos os dados os quais precisa preencher para o formulário de acesso à rede social.

Esse tipo de perfil é conhecido na internet como “perfil falso” ou “perfil *fake*”, sendo que existem muitas contas dessa natureza em todas as redes sociais. Mesmo que haja um incentivo das próprias plataformas para denúncia e posterior exclusão dessas contas, esse mecanismo nem sempre funciona, de modo que não é suficiente para resolver o problema. As redes oferecem essa opção do seguinte modo: quando algum usuário reconhece que um perfil não representa as informações de uma pessoa real e está sendo usado apenas para manipulação de conteúdos ou destilação de ódio e preconceito, ele pode denunciar à própria rede. O botão “denunciar” aparece nas opções de qualquer comentário feito, de modo que o usuário precisa descrever o motivo pelo qual está denunciando aquele perfil e o serviço da rede social avaliará o caso, podendo bloquear por determinado tempo ou até mesmo banir aqueles perfis que estão sendo usados de forma inadequada. Entretanto, até isso acontecer, aquele perfil já deixou muitos rastros pelas redes, comentando e compartilhando publicações falsas, destilando ódio, preconceito e violência verbal. E mesmo assim, banir o perfil

⁴ Espécie de correio eletrônico, sendo este um dos recursos que torna possível o envio e recebimento de mensagens pela internet.

não resolve o problema, pois em menos de dois minutos a pessoa poderá criar outro perfil e continuar utilizando-o de modo inadequado. Além disso, não se pode contar com o bom senso de todos os usuários, pois não há garantia de que haverá denúncia sempre. Algumas vezes, o internauta pode ver o perfil falso publicando algum conteúdo falso ou ofensivo, mas por inúmeros motivos – como falta de tempo, indiferença ou mesmo por não saber da existência do botão “denunciar” dentro das “opções” –, ele acaba por ignorar aquela publicação ou comentário, rolando a tela para baixo⁵, para ler outros comentários ou publicações, sem tomar uma atitude diante do que viu.

Desse modo, acaba sendo muito fácil posicionar-se na internet. Não tem como saber quem está por trás da tela de um computador, de um celular ou mesmo de um *tablet*. Assim, o anonimato favorece que os discursos violentos, preconceituosos ou caluniosos espalhem-se nas redes sociais. Assim, podemos dizer que a tecnologia, embora favoreça a troca de informações entre sujeitos, infelizmente, também oportuniza que opiniões maldosas sejam expostas ao mundo. Se alguém gritasse algo nocivo em público, como na rua, num bar, numa conversa com o vizinho, por exemplo, poderia ser rechaçado, sofrer perseguição e/ou violência, ser preso ou sofrer qualquer tipo de consequência por ter exposto uma opinião ofensiva. Entretanto, o usuário da internet sente-se livre para se expressar de forma hostil e agressiva, já que a tela o protege, o anonimato o resguarda e provavelmente ele não sofrerá nenhuma espécie de consequência pelo seu ato.

Mesmo muitos dos internautas que utilizam um perfil verdadeiro também se sentem no direito de se expressar de tal modo, porque, embora as pessoas saibam quem aquela pessoa é na vida fora do mundo digital, a tela do computador continua protegendo-a. É mais fácil posicionar-se de modo ofensivo digitando algumas palavras rudes em seu celular, enquanto está sentado no sofá da sala de sua casa, do que gritar palavras de ofensa a uma pessoa pessoalmente, na vida fora das telas, podendo ser retaliado inclusive com violência física. Por isso, pensamos que a internet dá certo poder ao seu usuário. A internet contribui para que o sujeito se posicione,

⁵ “Rolagem de tela” é a expressão usada para definir o movimento que uma pessoa faz ao interagir com o celular, *tablet* ou computador, de modo que o conteúdo vai sendo mostrado conforme o lado para o qual ele move o dedo ou *mouse*, sendo que em cima fica o conteúdo já visto e em baixo vão aparecendo os novos conteúdos.

possibilitando que ele se sinta livre para digitar o que quiser, sem se preocupar em ser punido.

Entretanto, ao mesmo tempo, podemos pensar que essa liberdade da internet é uma ilusão. Isso porque, mesmo existindo perfis falsos, em que o sujeito aparentemente não se identifica, não põe seu nome ou sua foto, existe uma memória da máquina que permite que se chegue a esse sujeito. Ou seja, ele tem a ilusão de que é livre e que pode digitar em suas redes sociais o que quiser, compartilhar ofensas e conteúdos impróprios ou inverídicos e que não será punido nem identificado, pois há a ilusão do anonimato, uma vez que o sujeito cria a ilusão de que está protegido e escondido pelo anonimato. Porém, por um rastreamento do IP do computador por onde isso foi postado, a polícia ou mesmo um sujeito que entende dessas tecnologias conseguirá chegar até o autor das publicações. Logo, a internet possibilita a liberdade do sujeito ao mesmo tempo em que essa liberdade é, na verdade, ilusória.

Essa espécie de poder é própria dessa plataforma, já que no mundo *online* não há limites, barreiras ou fronteiras (ou, ao menos, estas não são visíveis ou perceptíveis ao sujeito no momento da postagem, daí que vem sua liberdade ilusória). O *online* permite que um sujeito no Nordeste brasileiro se comunique instantaneamente com seu amigo do Sul, inclusive por vídeo, de modo que se possa não só ouvir, mas também ver o outro em tempo real. Ao mesmo tempo, uma notícia postada por alguém de São Paulo pode ser vista, em questão de segundos, por qualquer brasileiro ou mesmo qualquer cidadão do mundo que tenha acesso à plataforma. Desse modo, um conteúdo que circula na internet atinge milhares ou milhões de sujeitos no mundo.

Dias (2004, p. 36), ao refletir sobre esse novo mundo digital com o qual nos deparamos atualmente, afirma que “as mudanças tecnológicas são a base da mudança na significação do mundo e têm delineado uma nova arquitetura, uma nova geografia, uma nova economia, uma nova civilidade, uma nova sociabilidade, enfim, uma nova paisagem para o mundo”, sendo que os sujeitos usuários do mundo digital “são os viajantes solitários desses novos espaços”. Para essa autora,

[...] uma das primeiras e mais antigas tecnologias produzidas pelo sujeito para conhecer-se a si mesmo é, portanto, o gesto de escrever. Por essa razão, é a partir da compreensão da historicidade da escrita, ou seja, do trajeto dos sentidos que a escrita como tecnologia foi produzindo quando da utilização de diferentes ferramentas e suportes, que podemos compreender que as diferentes formas de relação social estão ligadas a uma tecnologia e que a forma do conhecimento tem a ver com essa tecnologia (DIAS, 2009, p. 10).

Com a internet, o modo de as pessoas comunicarem-se mudou mais uma vez e, por isso, podemos considerá-la como uma importante revolução tecnológica. Isso porque Aurox (1992, p. 8-9), ao pensar sobre o processo de criação dos dicionários e das gramáticas de todas as línguas do mundo, a partir do Renascimento europeu, afirma que tal processo (denominado por ele de “gramatização”) “mudou profundamente a ecologia da comunicação humana” e ainda defende que essa gramatização “trata-se propriamente de uma revolução tecnológica”, algo que, em sua concepção, é de relevante importância para a história da humanidade. Assim, tomamos como concepção de revolução tecnológica toda “criação” ou “invenção” que mude os modos de comunicação, numa espécie de “evolução” no sentido de evoluir mesmo, visto que essas tecnologias vêm para melhorar, para facilitar o modo como os sujeitos interagem entre si, tornando-o mais rápido e mesmo mais acessível, como é o caso da internet, que hoje possibilita contato instantâneo entre pessoas a milhares de quilômetros de distância na vida real. Assim, do mesmo modo que a gramatização citada por Aurox (1992), podemos afirmar que a internet também é um fato de relevante importância para a história da humanidade.

Por isso, ao afirmamos que a internet trouxe um novo modo de comunicação, estamos em consonância com a noção de atrelamento entre língua e cultura, conforme afirma Dias (2009, p. 9): “sabemos que língua e cultura não se separam, sendo assim, no momento em que o sujeito é afetado pelos sentidos de uma cultura (ideologia) tecnológica determinada, há, necessariamente, repercussões na língua”.

Podemos dizer ainda que essa nova revolução traz muitos benefícios à população, mas não somente isso, já que o poder de uma pessoa *online* também pode trazer consequências danosas, dependendo do conteúdo que é posto em circulação. Assim, as notícias falsas popularizaram-se recentemente nas redes sociais, tornando-se cada vez mais compartilhadas, e, por conseguinte, atingindo mais e mais usuários. A partir disso, muitas pessoas acabam não pesquisando a fonte dessas notícias e acreditam nos conteúdos espalhados na internet, fazendo-os circular ainda mais, quando também os compartilham em seus perfis.

Estamos vivendo, hoje, em uma sociedade mais democrática, em que muitos sujeitos podem manifestar suas opiniões, circular livremente, votar. Entretanto, nem sempre foi assim. Até pouco tempo atrás, vivíamos em uma sociedade extremamente conservadora, em que as mulheres não tinham voz ativa e deviam ser submissas aos homens. Isso vem mudando e já tivemos um grande avanço em relação a essas

questões, pois hoje as mulheres, por lei, podem trabalhar, votar, ir e vir, falar, pensar e vestir-se da forma como quiserem. Porém, em nosso país, ainda há alguns resquícios da sociedade patriarcal que dominava não só o Brasil, mas também outros países. Por isso, vivemos em uma sociedade que ao mesmo tempo é democrática e conservadora, com resquícios da sociedade patriarcal. Não temos uma sociedade totalmente democrática, porque ainda há uma parte conservadora e inclusive machista, como veremos no decorrer deste trabalho.

Existem muitas campanhas de mulheres que ainda lutam por direitos iguais. Os feminismos⁶, por exemplo, são movimentos feitos por mulheres que vêm ganhando destaque, em pleno século XXI, em sua busca por direitos igualitários entre homens e mulheres. A escolha do uso da palavra “feminismos” no plural se dá pelas ramificações que esse movimento social tomou, de modo que hoje se divide em diversos feminismos diferentes entre si, mas que têm como objetivo comum buscar o empoderamento, a liberdade e a valorização da mulher na sociedade.

Isso mostra que, mesmo após anos de luta, ainda hoje, tais movimentos são necessários, porque a igualdade entre homens e mulheres, um direito que já deveria estar funcionando no mundo, ainda não foi, nem tão logo será, alcançado totalmente.

A mulher, muitas vezes, ainda é objetificada, não só pelo homem, mas também por outras mulheres, ou mesmo é dado a ela o papel de “dona de casa”, sendo dela, e somente dela, o dever de lavar, passar, cozinhar, limpar e arrumar. Esse discurso não vem somente de homens, uma vez que algumas mulheres também pensam assim – já que, por ter circulado durante muito tempo na sociedade, esse saber constituiu as formações discursivas de homens e mulheres –, conforme buscaremos mostrar em nossos recortes de análises, na parte III deste trabalho.

Cabe, ainda, ressaltar que as questões caras ao movimento feminista e em relação ao modo como as mulheres eram e são tratadas, antiga e atualmente, são de nosso interesse, uma vez que, na graduação, já buscávamos estudar, em projetos de pesquisas, assuntos pertinentes a esse tema, porém com recortes temporais dos anos 1900. Desta vez, então, numa perspectiva mais atual, o *corpus* deste trabalho será baseado em discursos contemporâneos, presentes em nossas redes sociais hodiernamente. Dessa maneira, buscaremos entender e analisar o funcionamento dos sentidos desses discursos.

⁶ O conceito de “feminismos” está definido no capítulo 3 deste trabalho, assim como a contextualização desses movimentos que vêm ganhando força.

Por isso, buscamos compreender/conhecer o(s) discurso(s) presente(s) nessas materialidades, bem como analisar a qual formação discursiva ele(s) está(ão) vinculado(s), de modo a explicitar em qual formação ideológica o sujeito desse discurso está inscrito. Assim, analisaremos o que está sendo dito pelo sujeito, ao mesmo tempo em que buscamos compreender o funcionamento dos (diversos) sentidos desse dizer de acordo com suas condições de produção.

Para realizarmos nossa análise, partimos de dois pressupostos que Orlandi (2005, p. 19) traz: 1: “não há sentido sem interpretação” e 2: “a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa”. Sendo assim, entendemos que os sentidos só funcionam porque os interpretamos, do mesmo modo que nossa interpretação sobre nosso *corpus* não deve ser tomada como verdade absoluta, mas sim como uma entre tantas outras possíveis, porque, conforme Pêcheux (2012, p.53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Assim, se interpretamos, é porque isso nos é permitido, e é interpretando que os sentidos se criam e passam a significar. Se interpretamos, é porque a língua nos dá essa possibilidade:

A incompletude é característica de todo processo de significação. A relação pensamento/linguagem/mundo permanece aberta, sendo a interpretação função dessa incompletude, incompletude que consideramos como uma qualidade e não um defeito: a falta, como temos dito em abundância, é também o lugar do possível na linguagem. É isto que chamamos “a abertura do simbólico” [...] (ORLANDI, 2005, p. 19).

Dessa forma, buscaremos analisar, interpretar e entender os discursos explanados nas mídias sociais de acordo com nosso próprio senso crítico, ou, ainda, com nossas Formações Discursivas e Formações Ideológicas⁷, levando em conta nossos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, mas também considerando o contexto em que esses materiais foram elaborados, ou seja, suas condições de produção.

Dessa maneira, buscando juntar dois temas que abordam discussões tão atuais (a mulher e as notícias falsas), pretendemos, com este trabalho, investigar como os dizeres sobre a mulher são postos em jogo por meio da análise dessas publicações

⁷ Os conceitos de formação discursiva e formação ideológica serão definidos no decorrer desta dissertação, conforme forem citados na Parte II do trabalho.

na internet, considerando como circulam os sentidos a partir dessas notícias falsas. Assim, conforme Darós, Sousa e Garcia (2019, p. 215),

[...] inúmeras discursividades sobre a mulher são postas em circulação no seio social por meio de diferentes espaços de enunciação; isso em especial no espaço digital, esses dizeres se materializam sob forma de *memes*, reportagens, vídeos dentre outros, regularizando determinados sentidos sobre (e para) a mulher contemporânea.

Desse modo, entre as diversas formas que tais sentidos circulam, escolhemos para análise deste trabalho as materialidades que envolvam notícias falsas sobre a mulher política, uma vez que esse tema foi escolhido pela pertinência de uma discussão que abranja, ao mesmo tempo, dois assuntos relevantes para a sociedade do século XXI: a questão de como a mulher é vista na sociedade, bem como a preocupante e abundante multiplicação de notícias falsas no meio digital.

Além disso, percebemos, no andamento deste trabalho, que as notícias falsas espalhadas sobre as mulheres políticas nas redes sociais fizeram suscitar comentários de internautas sobre elas. Nesse sentido, estamos de acordo com Flores (2018, p. 52) quando a autora afirma que “o sujeito, conectado nessa rede Facebook, sente a necessidade de posicionar-se”. Por isso, há comentários de internautas que trazem à tona o que está enunciado em determinado discurso de uma notícia falsa, o que nos levou a selecionar alguns desses comentários para análise também, visto que eles são “resultados” da notícia falsa. Ou seja: o sujeito se depara com uma notícia falsa, lê e, além de passar adiante o próprio conteúdo, ele também decide utilizar-se de um comentário para se posicionar em relação à vítima, trazendo, inclusive, discursos de ódio, como veremos no caso Marielle.

Podemos atrelar, ainda, a necessidade de o sujeito se posicionar à questão da ilusória liberdade e facilidade de posicionar-se em rede: o sujeito quer comentar, quer mostrar sua opinião, quer se expressar e a rede social o permite fazer: “a internet, após o surgimento das redes sociais, tornou-se um espaço em que o sujeito quer se colocar e esse espaço dá uma sensação de liberdade” (Flores, 2018, p. 52).

Logo, o sujeito, mais uma vez, sente-se livre para opinar sobre alguém, mesmo que, ao opinar, esteja levando em conta um conteúdo falso: ele precisa deixar marcado o seu posicionamento ali naquele momento. Para Flores, o sujeito que não se posiciona se torna invisível para o mundo *online*, de modo que ele precisa publicar, pois se ele apenas ler e não postar nada, ele é invisível nessa rede social, num

processo em que “entra o funcionamento ideológico que faz parecer que o sujeito é livre, que ele não precisa fazer parte o tempo todo, mas aí o sujeito recorre a mecanismos que mostram que ele faz parte, por isso a contradição” (Flores, 2018, p. 53)

Nesse sentido, este trabalho dividir-se-á em três partes, sendo que a primeira tratará sobre as notícias falsas nas redes sociais, trazendo à tona conceitos como verdade, mentira, *fake news* e notícia.

Na segunda parte, faremos uma contextualização histórica sobre as mulheres, bem como sobre o feminismo em comparação ao machismo, explicitando a significação desses dois conceitos e, ainda, buscando estabelecer relações entre esses conceitos e a nossa linha teórica, baseada na Análise de Discurso de linha francesa.

Por fim, na terceira e última parte, faremos a análise de nosso *corpus* de pesquisa, de modo a explicitar como circulam os sentidos sobre a mulher nas redes sociais em conteúdos que contenham notícias falsas.

Nas considerações finais, buscamos refletir sobre os resultados da análise de nosso objeto de pesquisa, a fim de pensar sobre o funcionamento dos sentidos postos em jogo nas materialidades discursivas analisadas, de acordo com suas condições de produção, a fim de identificar se os sentidos mobilizados atualmente sobre a mulher rompem ou não com enunciados que a formação ideológica patriarcal estabilizou no senso comum e na memória. Ao final desta pesquisa, explicitamos como os dizeres sobre a mulher ainda produzem sentidos machistas em pleno século XXI, mostrando como as *fake News* sobre mulheres políticas funcionam trazendo discursos de ideologia machista, espalhando-se nas redes sociais de modo a fazer circular ainda mais esses dizeres, que se repetem conforme compartilhados pelos internautas.

2. INTERNET: UM NOVO ESPAÇO PARA UMA PRÁTICA ANTIGA

A maioria das pessoas já mentiu pelo menos uma vez na vida. Mentir não é um ato incomum, pelo contrário: ele é praticado por muitas pessoas quase diariamente e já faz parte da sociedade. Dizer para uma criança que o Papai Noel e o Coelho da Páscoa existem, por exemplo, é uma pequena mentira contada pelos pais para dar mais emoção às datas comemorativas e para que a infância seja mais prazerosa e com mais expectativas em relação a um mundo mágico. Podemos dizer que essa é uma “mentirinha do bem” e ela é aceita pela sociedade em geral, uma vez que a maioria das pessoas continua contando essas histórias e não se importa em estar espalhando algo inverídico, pois pensa que isso não prejudicará em nada as crianças, pelo contrário, só fará aumentar sua imaginação. Entretanto, nem todas as mentiras são por uma boa causa. Nem todas as mentiras são apenas historinhas para entreter alguém. Mentir, enfim, pode se tornar um ato muito perigoso, pode difamar alguém ou ainda causar consequências trágicas, como uma morte ou uma prisão injusta.

Mentir também não é uma novidade do mundo moderno. Esse ato já faz parte das atitudes humanas há muito mais tempo do que podemos imaginar. Além de simples histórias contadas de uma pessoa para outra ou mentiras inofensivas – daquelas que um filho diz para a mãe que se sente doente para não precisar ir à aula, ou até mesmo as mentiras mais graves, como alguma testemunha de um crime negar ter visto qualquer coisa por medo de se comprometer ao falar a verdade –, passaram a existir outro tipo de mentiras: as notícias falsas.

Conforme o *Dicionário Popular*⁸, disponível *online*, a expressão *fake news*⁹ (ou notícias falsas) tem sentido de/significa “informações noticiosas que fogem parcialmente ou integralmente da realidade, feitas com o propósito de promover o partidarismo, por exemplo” e ainda explica que “qualquer tipo de conteúdo que contenha informações incorretas, descontextualizadas ou com algum tipo de manipulação do fato real, pode ser considerado *fake news*.”

Para Tandoc et al (2018), a desinformação, ou melhor, as informações falsas, não são uma novidade, uma vez que existem desde o desenvolvimento dos primeiros

⁸ Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/fake-news/>. Acesso em: 17 jan. 2019.

⁹ Buscamos, também, a expressão em dicionários físicos e mais consagrados, porém não foi encontrado o conceito para expressão, o que acreditamos que se dá pelo fato de ser um termo recente e que é mais usado no meio online, com mais informalidade.

sistemas de escrita. Eles exemplificam a questão da desinformação com uma confusão que aconteceu em 1938, quando o rádio ainda era uma tecnologia relativamente nova e uma estação de rádio resolveu transmitir uma adaptação de um drama em que atores narravam a história de uma invasão marciana e, então, cerca de um milhão de residentes dos Estados Unidos assustaram-se ao ouvir o conteúdo, pensando que se tratava de notícias de algo que, de fato, estava acontecendo. Os autores afirmam que, na época, a rádio era a principal fonte de informação no país e concluem que “agora que as plataformas online, particularmente as mídias sociais, estão se tornando as principais fontes de notícias para um número crescente de indivíduos, a desinformação parece ter encontrado um novo canal (para circular)” (TANDOC et al, 2018, p. 138, adaptado). Nesse sentido, estamos em consonância com tal afirmação, visto que muitos sujeitos utilizam a internet hoje em dia, de modo que esse é um espaço onde muitos dizeres podem circular, inclusive as notícias falsas.

As notícias falsas têm como propósito, desde que começaram a ser espalhadas, difamar ou caluniar uma terceira pessoa, enganar as pessoas que podem vir a acreditar em algo que não tem procedência ou ainda espalhar um boato a fim de prejudicar certo grupo, sendo o criador do boato contrário a tal comunidade (seja de origem política, nacional, religiosa ou qualquer origem ideológica). Geralmente, isso é feito através de manchetes que chamam a atenção, com conteúdo exagerado, de modo que uma pessoa mais atenta já passa a desconfiar de que seja uma notícia falsa. O conteúdo dessas notícias é o que se chama de “fabricado”, ou seja, é criado por alguém propositalmente para enganar outrem, de modo que o interesse em promover esse conteúdo enganoso parte de algum sujeito ou grupo de sujeitos para que se possa obter algum ganho financeiro ou político.

Nesse sentido, podemos afirmar que, apesar de a internet favorecer a circulação de conteúdos duvidosos, ela não é o único meio e nem a única responsável por esses acontecimentos. Assim, conforme afirmam Adorno e Silveira (2018, p. 3),

[...] existe um senso comum que parece concordar e mesmo produzir uma generalização de que vivemos a era da *Fake news* por causa da internet, o que permite a muitos afirmar que a internet é a grande produtora de *Fake news*, ou, que são os sujeitos usuários das mídias sociais digitais os responsáveis pelas *Fake news*. Por outro lado, é também com a internet que surgem os sites e mecanismos que permitem checar a “veracidade” dos fatos e notícias que circulam não só na internet, mas em outros meios ou veículos de informação. Isso indica que a fonte produtora de notícias falsas não é algo

que se possa generalizar, atribuindo a responsabilidade à “internet”, mas que ela pode advir de variados meios e sujeitos. Consideramos, portanto, que a indistinção que se faz entre produzir e compartilhar, permite que a generalização recaia nesse sujeito usuário das mídias sociais, uma vez que nesses espaços a injunção recai mais fortemente no “compartilhamento”, mais até do que ao dizer.

Desse modo, podemos pensar que a internet, principalmente as redes sociais, favorecem o compartilhamento, a circulação desses conteúdos, mas provavelmente se esse mecanismo não existisse, as notícias continuariam sendo circuladas e repassadas por outros meios, meios não digitais. Assim, para Flores & Cervo (2017, s. p.),

[...] o que não podemos negar é o fato de que conforme o mundo evolui, conforme a sociedade organiza seu modo de discursar entre os sujeitos, e conforme as ferramentas se modificam, há de se concluir que não importa o espaço, não importa a época, o sujeito está e sempre estará significando o seu dizer.

O que mudou, então, dos tempos antigos até os dias atuais, é a forma como essas notícias eram/são espalhadas e passa(va)m a circular dentro da sociedade. Nos tempos mais remotos, era preciso que as pessoas repassassem as histórias umas às outras, verbalmente. Segundo o *site El País* (2018)¹⁰, “com o telégrafo, chegou a possibilidade de enviar rapidamente histórias através de longas distâncias; com o linotipo foi possível imprimir maciçamente; e com os novos meios de transporte essas publicações puderam ser distribuídas em numerosos lugares.” Com a chegada dos jornais (impressos e, posteriormente, nas rádios e os televisivos), este passou a ser um meio pelo qual as notícias corriam o mundo, tanto as que procediam quanto as que eram inverídicas. Então, com a chegada da revolução tecnológica, finalmente a internet passou a ser o meio por onde esses conteúdos circulam, tanto em *sites* e *blogs* quanto nas redes sociais. Com isso, chegou também uma nova nomeação, pela qual esse tipo de conteúdo ficou conhecido: *fake news*, expressão que vem do inglês e significa “notícias falsas”.

Conforme o *blog* “Merriam-Webster”¹¹, *fake news* é um termo novo, o que significa que tem cerca de 125 anos:

¹⁰ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html . Acesso em: 15 jan. 2019.

¹¹ Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news> . Acesso em: 15 abr. 2019.

The printing and dissemination of spurious news is hardly new, but the term *fake news* is. [...] One of the reasons that *fake news* is such a recent addition to our vocabulary is that the word *fake* is also fairly young. *Fake* was little used as an adjective prior to the late 18th century. But we obviously had *fake news* before the 1890s, so what did we call it? There was doubtless a wide range of expressions that people have resorted to when they felt the need to indicate that the newspapers had been fibbing, but one of the most common ones was *false news*¹².

Assim, a expressão “*fake news*” popularizou-se mundialmente após ser usado em 2017 pelo então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em sua primeira conferência de imprensa, conforme o *site Dicionário Popular*¹³. A partir daí, Donald Trump passou a usar essa expressão em sua conta no *Twitter*¹⁴ constantemente, de modo que sua imagem foi associada ao significado do termo, gerando até mesmo piadas na internet. De acordo com o *site*, “as pessoas começaram a usar a frase dita por Trump (“*you're fake news*”) em outros contextos, imaginando situações em que qualquer acusação desagradável para a pessoa pudesse ser refutada com um “essa é uma informação falsa”.

Entretanto, apesar desse uso inicial cômico, a expressão ganhou seriedade, ficando tão famosa e enraizada que hoje mesmo os brasileiros usam o termo em inglês para se referirem às notícias falsas que circulam nas mídias digitais. Um nome moderno e norte-americano para uma nova forma de realizar uma velha prática.

Atualmente, as notícias falsas são espalhadas na internet e compartilhadas tantas vezes que muitos internautas as tomam como verdades. Isso porque muitas pessoas não procuram saber a fonte das notícias, se quem publicou foi alguém confiável ou um perfil falso ou mesmo se a data da publicação é atual. Conforme a informação chega à sua *timeline*¹⁵, o usuário passa a acreditar naquele conteúdo sem sequer desconfiar de que possa ser uma mentira e, assim, ele também a compartilha

¹² A impressão e disseminação de notícias espúrias não é nenhuma novidade, mas o termo *fake news* sim. [...] Uma das razões pelas quais *fake news* é um termo adicionado recentemente ao nosso dicionário é o fato de que a palavra *fake* também é relativamente nova. *Fake* era muito pouco usado como adjetivo até antes do final do século XVIII. Mas nós obviamente já tínhamos notícias falsas antes dos anos 1890, então como nós a chamávamos? Sem dúvida, existiam muitas expressões que as pessoas podiam usar quando sentiam a necessidade de indicar esse tipo de notícia, sendo que a mais comum delas era *false News* (Tradução nossa).

¹³ Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/fake-news/>. Acesso em: 17 jan. 2019.

¹⁴ Rede social gratuita que consiste no compartilhamento de mensagens curtas, conhecidas como “tweets”.

¹⁵ Palavra em inglês que significa “linha do tempo” e é usada pelos usuários das redes sociais para se referirem à página inicial, que é onde aparecem as publicações mais recentes dos outros usuários, numa organização cronológica.

em seu próprio perfil, de modo que o conteúdo chega à página de seus amigos e assim por diante, sendo compartilhada e vista por muitas pessoas.

Shirky (2011) traz, em seu livro **A cultura da participação**, um capítulo intitulado *O botão chamado “publicar”*, no qual ele reflete sobre a facilidade atual de qualquer pessoa publicar: basta digitar algo e clicar no botão “publicar” que o conteúdo será publicado: “É, esse botão existe. Publicar costumava ser algo que precisávamos pedir permissão para fazer; as pessoas cuja permissão precisávamos pedir eram os editores. Não é mais assim.” (SHIRKY, 2011, p. 45). A partir dessa facilidade, o autor passa a refletir sobre a qualidade do conteúdo disponível hoje, defendendo que “quanto mais fácil para a pessoa é a publicação, mais médio se torna aquilo que é publicado”. Mesmo que esse autor não esteja se referindo especificamente ao conteúdo espalhado na internet, a sua lógica não deixa de ser também eficiente no que concerne às notícias falsas: quanto mais facilidade uma pessoa tem em postar, ou seja, com a liberdade que a internet e as redes sociais deram ao sujeito de se manifestar e tornar público o seu discurso, maior será a quantidade de postagens e compartilhamentos de conteúdo duvidoso e menor será a qualidade das informações que circulam nesse espaço, de modo que se torna necessário checar a informação ao invés de acreditar de imediato, o que infelizmente nem todos fazem antes de passá-la adiante.

Grande parte das *fake news* que circulam com maior repercussão na internet hoje em dia são as de cunho político. Tal fato acontece porque há certa inclinação do internauta em acreditar numa informação condizente com o seu pensamento. Foi por esse motivo que, durante as eleições de 2018, houveram inúmeras notícias falsas espalhadas sobre os candidatos à presidência, suas famílias e seus partidos.

As inclinações morais e políticas tornam-se mais relevantes para a credibilidade de uma notícia falsa do que procurar por uma fonte segura. Assim, ao compartilhar uma notícia que envolva algum político, o usuário não se importa em saber se aquilo de fato é verdadeiro, pois, para ele, basta desqualificar aquela pessoa com cujas ideologias ele não concorda.

No Brasil, por exemplo, muitos dos casos de *fake news* envolvem a questão partidária. Há uma luta muito forte entre grupos antagônicos que se identificam com ideologias contrárias: de forma rasa¹⁶, podemos pensar que um desses grupos

¹⁶ Por não se tratar do objetivo principal deste trabalho, optamos por não buscar tão a fundo as definições desses grupos políticos em evidência no país.

(chamemos de grupo político-ideológico 1) se aproxima mais das classes populares, dos trabalhadores e marginalizados, sendo que defendem as minorias e os excluídos, enquanto o outro (grupo político-ideológico 2) se aproxima de um programa de governo neoliberal e se autoproclama defensor da moral e dos bons costumes.

Essa luta contrária se intensificou principalmente em 2018, ano eleitoral em que o nome mais forte do grupo 1 – e possível candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores –, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), foi preso e impossibilitado de concorrer ao cargo, ao mesmo tempo em que surgia um novo candidato do lado oposto: Jair Bolsonaro. A partir daí, houve uma disputa política que assolou o país, de modo que todos os dias inúmeras notícias eram jogadas na internet, de ambos os lados, para desestabilizar os concorrentes.

O número de *fake news* espalhadas na internet tomou uma proporção tão grande que, entre vários *sites* que buscam esclarecer os internautas quanto à veracidade de alguns conteúdos que circulam na internet, o canal de notícias do “G1”, Portal de notícias da rede de televisões brasileira Rede Globo, criou um *site*, intitulado “Fato ou Fake: o serviço de checagem de fatos do Grupo Globo” (figura 1), com o intuito de verificar e informar aos leitores se as notícias do momento são *fato* ou se são *fake*.

Figura 1 – “Fato ou Fake”: serviço lançado pelo grupo G1 para checagem de conteúdos



Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lanca-fato-ou-fake-novo-ser-vico-de-checagem-de-conteudos-suspeitos.ghtml> . Acesso em: 19 out. 2018.

Podemos perceber, portanto, que há um interesse por parte da mídia em linhas de investigação para alertar a população acerca de boatos há bastante tempo. Entretanto, ao nosso ver, a grande mídia está, na verdade, buscando um meio de defender sua profissão. Isso porque eles querem que os sujeitos confiem em suas informações, por isso fazem o alerta em relação a conteúdos falsos, porque eles querem passar sua própria credibilidade, como se passassem a mensagem de que se o sujeito quer buscar a notícia verdadeira, deve procurar seu site, e não outros. Logo, estão a defender seu próprio nicho. Além disso, as escolhas de quais notícias falsas eles desmentem pelas postagens em seu site também não são aleatórias nem completamente livres de ideologia: são escolhidas conforme interessam ao próprio grupo G1, ou seja, de acordo com sua ideologia.

Em 03 de agosto de 2018, o Grupo G1 passou a disponibilizar o serviço de checagem de conteúdos. Nessa mesma proposta, no programa “Fantástico”, que vai ao ar nas noites de domingo pela Rede Globo de Televisões, existe, há muitos anos, um quadro chamado “Detetive Virtual”. O quadro consiste na ideia de verificar vídeos ou imagens estranhas/duvidosas que aparecem na internet. Nele, são investigadas histórias como: aparições de fantasmas, rato que toma banho, idosos que praticam esportes radicais, animais maiores do que o normal ou qualquer outra imagem divulgada na internet que possa parecer um truque, montagem ou que, no mínimo, seja intrigante. Muitas vezes, os repórteres do quadro chegam a ir a lugares distantes, mesmo a outros países, onde supostamente tal ato aconteceu, para verificar a sua veracidade. Há um bordão falado pelo apresentador do programa após mostrar a imagem e fazer um breve resumo do que ela se trata e de onde aconteceu: “O Detetive Virtual foi até lá investigar”. Após análise e comprovação dos fatos, há um carimbo colocado em cima da fotografia ou do vídeo: “verdadeiro” ou “falso”.

Atualmente, com a facilidade que a internet proporciona, são inúmeras as informações disponíveis nas redes. Desse modo, torna-se realmente difícil ao internauta separar o que de fato aconteceu e o que foi inventado, já que mesmo quando a notícia traz um fato verdadeiro, ainda se pode acrescentar uma fala ou algum ato que não ocorreu exatamente daquela forma ou mesmo ocultar algo para fazer parecer que aconteceu de modo diferente, fazendo com que o conteúdo falso pareça ser verdade.

Em uma entrevista de especialistas em assuntos relacionados às plataformas digitais ao Portal do Governo de São Paulo, a professora de mídias digitais e e-commerce da Etec Parque da Juventude, Iglesias (2018), afirmou que:

A grande questão das fake news é que elas são feitas da maneira mais atrativa possível para parecer verdade. Os conteúdos podem estar relacionados a fatos que são colocados fora de contexto por algum interesse político, econômico ou social. Por isso, elas podem favorecer ou prejudicar alguém.

As *fake News*, então, nem sempre surgem “do nada”, sem um contexto ou sentido, pelo contrário: algumas vezes, elas tomam a verdade como parâmetro, porém para formar uma outra realidade, uma verdade distorcida. Ou seja, o sujeito que as cria busca por um fato que realmente aconteceu e o modifica, transformando-o para além da parte verídica, acrescentando outras informações, sejam estas fatos, falas ou mesmo imagens de um sujeito, um grupo de sujeitos ou mesmo de instituições. Quando colocadas fora de seu contexto original, essas informações falsas servem para prejudicar e/ou difamar o sujeito/vítima.

Ainda segundo o *site Fato ou Fake* (2018), “especialistas afirmam que a disseminação de conteúdos falsos é um dos principais desafios a serem enfrentados hoje, pois ela prejudica a tomada de decisões e coloca em risco a democracia¹⁷”. Isso porque as *fake news* servem justamente para distorcer a realidade, difamando qualquer que seja a sua “vítima” (uma pessoa, uma empresa, um partido etc.) e, quando o leitor se deparar com aquele conteúdo, pode acabar acreditando, de modo que sua opinião sobre aquela pessoa/empresa/partido será então negativa, pois o conteúdo falso pode o levar a pensar justamente aquilo que o disseminador inicial da notícia queria.

Logo, quando alguém posta algo falso com o intuito de prejudicar outrem, a própria democracia é prejudicada, pois o sujeito não será livre para tomar sua decisão, mas será induzida pelos conteúdos propagados com esse objetivo.

Em consequência, serviços como esse podem facilitar ao internauta a checagem, pois os próprios jornalistas fazem a verificação das notícias, checando o que realmente aconteceu e o que foi inventado, e postam a análise no *site*. Quanto à metodologia deste serviço, o grupo afirma que os jornalistas irão monitorar as redes sociais e verificar aquelas mensagens que mais são compartilhadas e divulgadas,

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lanca-fato-ou-fake-novo-servico-de-checagem-de-conteudos-suspeitos.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2018.

inclusive em aplicativos como o *WhatsApp*¹⁸. Além disso, os próprios leitores do *site* poderão indicar alguns conteúdos para serem checados. Outra prioridade da plataforma é deixar claro já no título da matéria se o conteúdo é verdadeiro ou falso, de modo que não haja dúvida. São 3 os selos utilizados para a classificação: “Fato”, “Não é bem assim” e “*Fake*”. Enquadram-se em “fato” aquelas notícias cujo conteúdo foi comprovado ser totalmente verdadeiro; em “não é bem assim” um conteúdo parcialmente verdadeiro, mas exagerado ou incompleto e em “*fake*” quando não há nenhuma comprovação de que tenha acontecido.

Desse modo, percebemos o quão preocupante é a questão das *fake news* propagadas na internet, já que é preciso profissionais especializados pesquisarem sobre os conteúdos e informarem à população sobre sua veracidade ou não. Ainda podemos distinguir dois tipos de notícias falsas, que serão usados para descrever aquelas que encontrarmos neste trabalho: totalmente *fake*, quando a notícia foi inventada sem nenhum embasamento real, e parcialmente *fake*, quando algo falso é acrescentado ou modificado em relação à uma situação verdadeira.

Além disso, a circulação de notícias falsas nas redes sociais mostra-se um assunto alarmante porque, estas, quando levadas a sério, podem causar consequências gravíssimas. Para ilustrar tal afirmação, trazemos aqui um breve resumo de duas histórias que marcaram na memória social.

A primeira¹⁹ aconteceu em uma cidadezinha do México, Acatlán, em 29 de agosto de 2018. Uma mensagem surgiu no aplicativo *WhatsApp* e foi sendo repassada entre os moradores locais: tratava-se da alegação de que dois homens eram sequestradores de crianças e estavam envolvidos com o tráfico de órgãos; junto à informação estavam as fotografias de Ricardo Flores, de 21 anos, e de seu tio Alberto Flores, agricultor de 43 anos. O boato espalhou-se tão rapidamente que, ao serem encontrados na cidade, os dois se envolveram em uma pequena confusão com outros moradores, de modo que a polícia os levou para a delegacia. Entretanto, a população, em número cada vez maior, os seguia enquanto gritavam que eles eram sequestradores, não dando ouvidos à polícia, que afirmava que não havia sequestrador nenhum. Toda a situação era transmitida ao vivo numa rede social por

¹⁸ *WhatsApp* é um aplicativo de troca de mensagens instantâneas gratuito que funciona por meio da conexão à internet. Através dele, os usuários também podem enviar imagens, vídeos, documentos e inclusive fazer ligações de voz e de vídeo.

¹⁹ A reportagem dessa história pode ser encontrada em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-46206104> . Acesso em: 01 jan. 2019.

um dos moradores locais, que incentivava aos seus amigos e à população que viessem participar do “movimento”, que chegou a reunir cerca de 100 pessoas. A situação chegou a tal ponto que alguns dos manifestantes entraram à força na delegacia e trouxeram os dois homens para a rua, de modo que a população os espancou e, posteriormente, os dois foram queimados: o garoto morreu antes de ser incendiado, mas seu tio ainda estava vivo quando as chamas foram acesas em seu corpo. Cinco pessoas foram presas pelo ato. Entretanto, esses homens eram inocentes das acusações do povo, porque, após seu linchamento, foi comprovado que nem sequer havia tido algum sequestro na região naquele período, ou seja, ninguém ao menos procurou se informar sobre o assunto antes de julgá-los culpados de um crime que nunca tinha acontecido.

A segunda²⁰ é a história da brasileira Fabiane Maria de Jesus, que foi linchada num bairro da cidade do Guarujá, no estado de São Paulo, onde morava com seu marido e filhos. Fabiane foi espancada e assassinada por ter sido confundida com uma suposta sequestradora de crianças, cuja fotografia circulava em redes sociais. O boato que se espalhava nas mensagens era de que uma mulher sequestrava crianças para realizar rituais de magia negra. Entretanto, se descobriu depois que a imagem que circulava era de uma mulher suspeita de um outro crime que havia acontecido dois anos antes e bem longe dali. Fabiane foi confundida com a suposta sequestradora quando, depois de comprar frutas, ofereceu uma a um menino que estava na rua. Foi a mãe do menino quem viu a cena e imaginou que ela fosse a tal sequestradora, instigando um sentimento de ódio na população que estava presente, o que resultou no linchamento de Fabiane por cerca de 100 pessoas. A vítima carregava ainda uma bíblia, que foi confundida com um livro de magia pelos agressores. Cinco pessoas foram presas pelo seu assassinato. Mais uma vez, as pessoas julgaram alguém sem conferir a veracidade dos fatos, porque sequer havia uma sequestradora, já que a fotografia era relacionada a outro crime e nem mesmo a mulher da fotografia era Fabiane.

Cabe ressaltar que essas são apenas duas dentre tantas outras histórias parecidas, em que pessoas sofreram diversos tipos de violência ou repressão por parte da população ao serem alvos de notícias falsas.

²⁰ Mais informações sobre a história podem ser encontradas em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Linchamento_de_Fabiane_Maria_de_Jesus . Acesso em: 01 maio 2019.

Fica evidente, portanto, que falsas acusações que circulam nas mídias *online* podem ser tomadas como verdade por quem as lê, e que a situação se torna ainda mais extrema quando essas pessoas, ao acreditarem na mensagem que receberam, resolvem tomar atitudes contra as vítimas do boato.

Por se tratar de uma questão tão grave é que tomamos as *fake news* como tema central deste trabalho de pesquisa, em especial as fake News sobre mulheres políticas. A escolha por trabalhar com os dizeres advindos de notícias falsas dá-se justamente devido ao interesse em podermos analisar como essas notícias se espalham e como são tomadas pela população. Afinal, tais conteúdos podem difamar alguém, podem levar um povo todo a julgar quem, na verdade, também é vítima, podem trazer discursos de ódio contra uma pessoa, entre tantas consequências, que, como vimos, podem inclusive culminar na morte de um inocente.

2.1 AS FAKE NEWS E A POLÍTICA

Muitas das *fake news* que são espalhadas na internet hoje em dia são as de cunho político. Especialmente em tempos de eleição, como aconteceu no Brasil e nos Estados Unidos, as notícias falsas envolvendo assuntos da política circulam intensamente. Isso porque estas podem ser usadas inclusive estrategicamente pelos grupos políticos, visto que uma fake News sobre alguém que é candidato à presidência do país pode levar os sujeitos a acreditarem na mensagem que está circulando, fazendo com que deixem de votar neles e, ao compartilhar a fake News com mais amigos, cada sujeito estará contribuindo – mesmo que involuntariamente – para sabotar a campanha desse candidato vítima da fake News.

Não é de se espantar que a pós-verdade se aplica em estratégias de disputas políticas, como vistas nas campanhas eleitorais de Donald Trump e Jair Bolsonaro, em que divulgar mensagens manipuladas e não verídicas sobre partidos e candidatos para públicos alvos propícios a um maior grau de receptibilidade, se torna o caminho mais rápido, injusto e viável de se alcançar a vitória, em que o poder do boato e a audácia da mentira não podem ser subestimados (ALVES, 2018, p. 214-215).

A autora acredita que dentre as razões para que Donald Trump tenha ganhado as eleições à presidência dos Estados Unidos em 2016, e Jair Bolsonaro à do Brasil em 2018, está o fato de ambos terem se utilizado de fake News lançadas contra seus adversários. Ao trazermos que “se utilizaram” dessas fake News, não significa que

foram eles próprios quem lançaram o conteúdo ou mesmo que isso foi feito a mando deles, pois não temos acesso a essas informações, porém, no momento em que essas fake News existiram – criadas e espalhadas nas redes por grupos partidários ou sujeitos apoiadores desses candidatos – automaticamente eles se beneficiaram destas, uma vez que os sujeitos votantes, ao se depararem com essas notícias, podem ter acreditado e, com isso, foram influenciados a votarem nesses candidatos.

Além disso, há a inclinação do internauta em acreditar numa informação que “combina” com a formação ideológica na qual está inserido. Desse modo, ao ver uma notícia de cunho negativo sobre um candidato da oposição, o sujeito sente-se ainda mais confiante de que a sua ideologia (e de seu grupo ideológico) é aquele que deve vencer as eleições, mesmo que essa notícia não seja completamente verdadeira. Naquele momento, a veracidade da informação não importa ao sujeito, pois para ele é mais importante que ela esteja de acordo com a sua ideologia. Logo, se a notícia falsa traz uma informação ruim sobre um candidato ou partido com cuja ideologia ele não se identifica, ele tem maior tendência a acreditar, o que o leva também a compartilhá-la com seus amigos, a fazê-la circular, conforme veremos adiante, no subcapítulo que trata da pós-verdade.

Quanto aos conceitos de “político” e “política”, ambos utilizados no decorrer deste trabalho, estamos de acordo com Rancière (2006) que defende que ambos conceitos estão interligados, de modo que o político funciona como o próprio do discurso, trazendo as polêmicas, debates e escolhas, enquanto a política funciona como a divisão de ideologias, muitas vezes em partidos. Ainda conforme Rancière (2006, p. 17) a política está relacionada ao governo e “consiste em organizar o encontro dos homens em comunidade e seu consentimento, e descansa na distribuição hierárquica de lugares e funções”.

Neste trabalho, buscamos analisar as fake News espalhadas em redes sociais em relação a duas mulheres políticas: a ex-vereadora Marielle Franco; e a vice candidata à presidência do país nas eleições de 2018, Manuela D’ávila. Selecionamos essas duas mulheres como fontes da pesquisa justamente por se tratarem de duas mulheres públicas, ou seja, ao estarem inseridas na política do país, elas ocupam cargos e espaços de poder, de modo que os discursos sobre elas podem circular mais do que os direcionados a outras mulheres menos conhecidas.

Desse modo, ao assumirem papéis importantes na política do país, elas tornam-se alvos maiores de possíveis discursos que podem vir a surgir, e, quando

surgem, são bastante compartilhados, uma vez que os dizeres sobre pessoas políticas pode interessar muitos sujeitos brasileiros, que curtem, compartilham e comentam, dando maior visibilidade a esses dizeres.

2.2. “LI NA INTERNET... DEVE SER VERDADE”

“Li na internet, deve ser verdade”... “Vi na internet, então é verdade”... “Se está na internet, é verdade”... estas são variações de um mesmo dizer, que constitui parte do título desta dissertação: “li na internet, deve ser verdade”. Esses dizeres estão presentes na vida das pessoas, e, inclusive, circulam na internet como “memes”.

Um meme é qualquer conteúdo que circula no mundo *online* com o intuito de ser engraçado, humorístico, fazer piada com algo. Pode ser uma frase, um vídeo, uma imagem ou um *gif*. Qualquer coisa pode virar meme na internet: uma frase dita pelo presidente da república, um vídeo que viraliza, uma imagem criada por usuários que querem compartilhar conteúdos engraçados, fotografias ou vídeos de pessoas (famosas ou não) fazendo expressões consideradas engraçadas, uma declaração de alguém na TV ou mesmo um comentário em uma rede social. Conforme o *site Global Voices*²¹ (2017),

O Brasil é o quarto país com o maior número de usuários da internet no mundo todo. O português é a única língua oficial no país e a maioria da população não fala inglês. Apesar de a maior parte da internet ser anglófona, os brasileiros conquistaram um grande espaço na rede, ocupado por falantes de português, que o utilizam do seu próprio jeito — ou seja, abusando dos memes. A verdade é que, para entender o país no contexto de 2017 — desde novelas a noticiários, até política e economia —, é preciso observar a sua cultura de memes.

Sendo assim, entende-se que para compreender o contexto de alguns dizeres publicados no mundo *online* ou até mesmo proferidos no mundo físico que sejam baseados em *memes*, é preciso conhecer essa cultura de *memes*. Isso se explica pelo fato de que, se alguém não souber sobre os *memes* do momento e sua significação, os efeitos de sentidos daquele dizer podem tornar-se outros, derivando do contexto de *meme*, podendo ser levados a sério, causando inclusive estranhamentos e confusões. Por isso, para que o discurso que contenha meme seja entendido pelo sujeito que o escuta e/ou lê em consonância com o efeito de sentido que era

²¹ Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2017/10/08/se-quer-entender-o-brasil-conheca-os-seus-memes/>. Acesso em: 09 jan. 2019

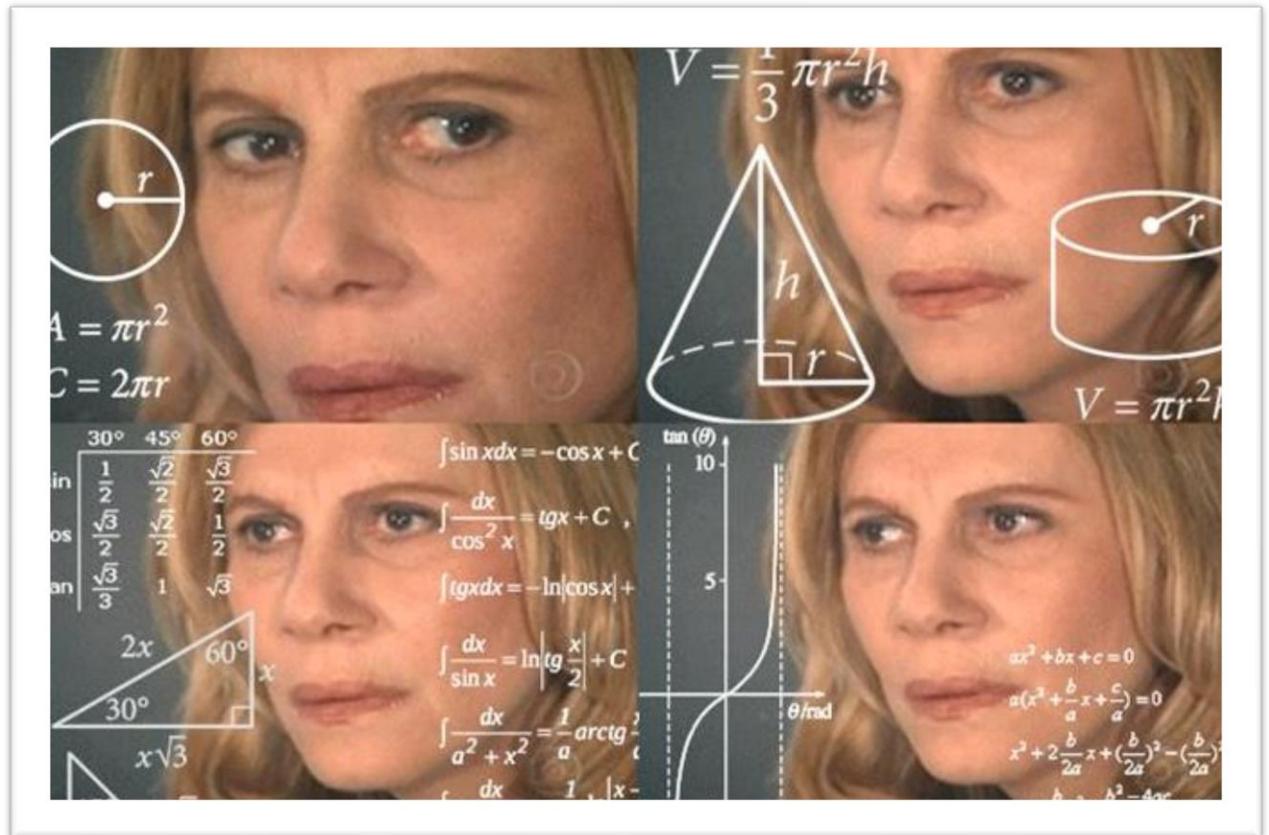
pretendido pelo sujeito que o proferiu/escreveu, é preciso que esses sujeitos sejam conhecedores dos discursos que circulam naquele momento em forma desses *memes*.

Exemplo disso é a expressão “*tá serto*” que virou um *meme* e que é utilizada justamente para dizer que algo está errado, de modo que a pessoa se utiliza da escrita da palavra “certo” com o “s” para demonstrar que há algum erro em determinada atitude. Assim, é comum vermos nas redes sociais algum usuário comentando “*tá serto*” em publicações que contenham algo que ele não concorda (por exemplo: Está “serto” bater em mulher, justamente porque é uma atitude errada) e em seguida aparece outro usuário zombando daquele que comentou anteriormente, dizendo que ele não sabe escrever, chamando-o de ignorante e, o pior: não entendendo o contexto do *meme* e pensando que realmente aquele primeiro usuário acha que tal atitude está “certa”.

Por isso, é preciso entender que os memes praticamente dominam as redes sociais e também podem ser usados na vida fora das telas, de modo que ser conhecedor dessas expressões pode facilitar a compreensão de algumas situações, tornando melhor o entendimento dos efeitos de sentidos dos dizeres do discurso de um sujeito que gosta de usar os memes para se expressar.

Entretanto, nem só de expressões ou palavras são formados os memes. Eles também podem ser utilizados em forma de imagem, como podemos ver a seguir, na figura 2:

Figura 2 – Nazaré Confusa



Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/10/14/nazare-confusa-vira-meme-mundial-e-diverte-sorrah-acho-bem-engracado.htm> . Acesso em: 09 jan. 2019

A imagem acima representa uma mulher confusa²², olhando para todos os lados. As fórmulas matemáticas, adicionadas por alguém sobre a imagem real, ainda dão um toque especial, fazendo parecer com que ela está tentando calcular ou entender alguma coisa. Esse é um dos mais famosos memes brasileiros, que chegou a circular em vários países, tornando-se um meme mundial e sendo conhecido como "*confused blondie*" (loira confusa) e "*math lady*" (senhorita matemática). Além disso, podemos dizer que esse meme remete a um termo preconceituoso usado por algumas pessoas: "loira burra".

O fato é que o brasileiro é conhecido por fazer meme com tudo, mesmo em situações que exigem certa seriedade. Conforme o *site Segredos do Mundo* (2018), a popularização dos memes no Brasil só se tornou possível graças aos traços culturais do brasileiro, que costuma encarar com bom-humor mesmo aquelas situações trágicas, tendo por costume ironizar até mesmo o que é ruim. Assim, o país é

²² A mulher da fotografia é a atriz Renata Sorrah, e esse meme surgiu a partir de sua personagem Nazaré Tedesco – na novela *Senhora do destino*, da Rede Globo, que foi ao ar em 2004.

considerado rei dos memes, porque, mesmo que existam memes em outros países, nem se comparam com o grande fluxo e propagação de memes do Brasil.

Com a questão da política, não é diferente: os *memes* são criados em relação ao contexto político também. Os próprios sujeitos costumam postar em redes sociais que “o mundo vai estar acabando e os brasileiros vão estar fazendo *meme*”.

Nesse sentido, parece haver um cenário de despreocupação por parte de alguns internautas com questões sérias que envolvem o país. Decisões estão sendo tomadas, *fake News* estão sendo espalhadas, pessoas estão sendo assassinadas e enquanto o isso o sujeito online está compartilhando *memes* sobre essas situações.

Na cena política, por exemplo, quando instaurou-se o caos pela proposta de uma reforma da previdência brasileira, ao invés de buscarem de fato por seus direitos, lutarem, fazerem greves, alguns sujeitos brasileiros estavam na internet fazendo piadas: começaram a circular imagens de pessoas muito velhas com a legenda de que estariam indo trabalhar pra conseguir se aposentar, ou outras que mostravam o espermatozoide a caminho do útero com a legenda de que esse momento da vida seria o ideal para a pessoa que um dia quer se aposentar começar a trabalhar.

Logo, vê-se que alguns brasileiros parecem não levar a sério as questões políticas, econômicas, sociais, talvez por pensarem que não conseguiriam, sozinhos, mudar o mundo ou o sistema e, por isso, os sujeitos buscam nos *memes* uma forma de consolo, de fazer piada de uma situação que na verdade é triste.

Pelo fato de grande parte dos brasileiros gostar tanto de memes é que esses conteúdos viralizam muito rapidamente na internet. Assim, não foi diferente com as *fake news*: criou-se um meme para elas também. Daí que vem a expressão “li na internet, deve ser verdade”, muito compartilhada pelos internautas nas redes sociais.

Entretanto, esse meme circula como uma ironia, ou seja, quem o utiliza nas redes sociais sabe que a repercussão de conteúdos falsos é muito grande e que por isso não se deve acreditar em tudo que circula na internet. Por outro lado, a necessidade do surgimento desse meme aconteceu justamente porque há pessoas que acreditam nas notícias falsas, compartilhando-as, comentando-as e moldando seu pensamento baseado em algo que sequer aconteceu de fato. Foi assim, por causa do crescente compartilhamento de notícias falsas, que surgiu a falsa ideia de que “se está na internet, é verdade”.

Nesse sentido, “vi na internet: deve ser verdade” é um meme irônico, que, de certo modo, também serve para nos alertar, passando a mensagem de que, hoje em

dia, tudo que se lê na internet acaba sendo tomado como verdade, já que muitos internautas compartilham notícias e mensagens sem checar a fonte ou a veracidade dos fatos. Desse modo, tudo que é posto *online* circula como verdade para essas pessoas.

Ao trabalharmos com as *fake news*, entendemos que existem muitas pessoas que acreditam de fato nas informações falsas que circulam na internet. Então, é por essas questões que escolhemos o *meme* na forma da frase “li na internet, deve ser verdade” (figura 3) para compor o título deste trabalho, também como uma forma de protesto, de alerta e, inclusive, de ironia, porque pensamos que não podemos confiar nos conteúdos espalhados na internet sem antes conferir sua veracidade, de modo que poderíamos substituir o meme irônico por uma expressão: “nem tudo que está na internet é verdade”.

Figura 3 - Vi na internet: deve ser verdade



Disponível em: <http://www.statusimagens.com/listings/eu-vi-na-internet/> . Acesso em: 05 maio 2018.

A imagem anterior representa um dos vários memes que circulam nas redes sociais para exemplificar a relação entre o que está internet e o que é ou não verdade. A fotografia representa um tubarão-cavalo ou cavalo-tubarão, com a frase: “eu vi na internet: deve ser verdade”. Ou seja, esse meme nada mais é do que uma crítica àquelas pessoas que não se dão ao trabalho de duvidar da veracidade de alguns conteúdos. Se a fotografia de um animal metade tubarão metade cavalo está na internet, então é porque essa espécie de fato existe no mundo real? Tudo que circula na internet deve ser visto com seriedade? Não existem mentiras no mundo *online*? Apenas o fato de algum conteúdo circular nas redes sociais já é motivo suficiente para sua credibilidade? Não devemos checar os fatos ou pensarmos criticamente antes de compartilhar?

É isso que esse meme representa: levar as pessoas a refletirem sobre como podem ser enganadas ou acreditarem em informações inverídicas. Mesmo com essa crítica, mesmo que muitas pessoas saibam que devem checar fontes seguras, mesmo que haja um alerta, inclusive das grandes mídias, sobre o perigo que é passar adiante um conteúdo falso, ainda existem pessoas que acreditam em qualquer notícia que circule *online* – principalmente aquelas que trazem um conteúdo condizente com a formação ideológica de quem os compartilha.

Desse modo, a partir do dizer “vi na internet, então é verdade”, há uma espécie de ditadura da escrita. Ou seja, há uma FD funcionando para esses sujeitos de que só o que está escrito vale, de que se ele leu em algum lugar, então é verdade.

A partir disso, surgem questões pertinentes a este trabalho: se há um discurso que circula sobre a mulher nas redes sociais, é verdadeiro? Se está na internet, então se deve acreditar? Tudo que está na internet é verdade, inclusive os dizeres sobre a figura feminina? Trabalharemos com essas questões na análise de nosso *corpus*, na parte 3 desta dissertação.

2.3. A INTERNET COMO ESPAÇO DE DIZER: FUNCIONAMENTO DOS DISCURSOS NO MUNDO DIGITAL

Com a revolução tecnológica e, principalmente, com a chegada da internet, as maneiras como os sujeitos interagem entre si mudaram, conforme afirmam Guilherme e Nunes (2017, p. 191-192):

A configuração econômica, social e tecnológica que nos trouxe ao conjunto atual das tecnologias de comunicação e informação começa a se desenvolver em meados da década de 1970, momento em que houve uma convergência dos meios de telecomunicação analógicos com os conhecimentos da informática, criando um subproduto até então restrito a usos militares e científicos: o computador pessoal. Esse fenômeno [...] imprimiu modificações aos nossos modos de produção de conteúdo, alterando parte da economia da comunicação humana e fazendo emergir o que hoje conhecemos como cibercultura [...].

A partir disso, os modos de funcionamento do discurso tornaram-se outros, uma vez que o discurso agora acontece no meio digital. Assim sendo, o espaço de dizer agora é o espaço *online*, pois é por meio do *online* que o sujeito se posiciona e toma posição em seu discurso.

Conforme Orlandi (1999), para a AD, o discurso “não se trata apenas da transmissão de informação” e “a língua não é só um código entre outros”. Isso porque:

[...] eles (a língua e o discurso) estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. [...] No funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 1999, p. 21).

Desse modo, tomamos como concepção de língua e de discurso dois sistemas interligados pelos quais os sujeitos se constituem. Nesse viés, consideramos que, para se posicionar no mundo e constituir-se sujeito, um indivíduo utiliza-se da língua para expressar seus dizeres. E, para este trabalho, nos interessa o discurso que o sujeito “joga” na internet, ou seja, o discurso postado, compartilhado no mundo digital, ao mesmo tempo em que estamos em consonância com Dias (2007, s. p.), quando a autora afirma que “é o modo como o discurso circula e produz sentido num espaço determinado que o institucionaliza como um espaço de comunicação”, sendo que a Internet (ou, nesse caso, as redes sociais) é, então, um espaço de comunicação, um espaço diferenciado que conta inclusive com uma linguagem própria, o “internetês”²³.

Ainda de acordo com Dias (2007, s. p.), ao pensarmos a língua e o discurso como sistemas que funcionam dentro de um espaço de constituição do sujeito, que, neste caso, é o digital, tomamos este como um funcionamento em que “o sujeito pode ‘livremente’ manifestar o seu desejo através da escrita, mas não qualquer escrita, falo

²³ “Internês” é a expressão que designa a linguagem do mundo virtual, onde algumas palavras são abreviadas, não são acentuadas ou ainda são escritas com letras que não constam na grafia original. Tais mudanças desobedecem a grafia proposta pela gramática tradicional da Língua Portuguesa, advém daí o motivo de esta linguagem ser considerada como própria da internet.

da escrita instituída por aquele espaço específico de dizer, por aquele modo de dizer”. Sendo assim, o sujeito se posiciona na internet porque o espaço *online* permite que ele se posicione, que ele mostre o que pensa por meio do seu discurso, e ainda que esse discurso circule, tornando-se um dizer público, disponível para qualquer usuário ler.

3. AS MULHERES NA SOCIEDADE

Foi preciso muita luta, greves e, inclusive, mortes para que as mulheres pudessem conquistar os direitos que hoje lhes são assegurados na constituição: direitos que até poucos anos atrás lhes eram negados simplesmente por serem do sexo feminino; direitos os quais qualquer homem, ao nascer, já possuía sem precisar fazer qualquer esforço.

No Brasil, foi apenas em 1827 que surgiu a primeira lei permitindo mulheres a frequentarem a escola e, mesmo assim, elas só tinham acesso ao ensino básico, já que o ensino mais avançado continuava restrito aos homens, o que mudou somente em 1879, quando o ensino superior passou a ser autorizado para elas também. Direitos básicos levaram anos para serem conquistados por elas: em 1893, foi na Nova Zelândia que as mulheres passaram a ter o direito ao voto pela primeira vez no mundo, novidade que só chegou ao Brasil em 1932.

Em 1945, o direito à igualdade entre homens e mulheres passou a ser reconhecido internacionalmente. Dezessete anos mais tarde, em 1962, o governo brasileiro criou um Estatuto que garantia à mulher que pudesse trabalhar sem precisar da permissão do marido.

Toda a história (do Brasil e do mundo) é perpassada por lutas de mulheres que não se conformavam com a desigualdade diante do homem. A data de 8 de março, por exemplo, é conhecida como o Dia Internacional da Mulher, em homenagem à luta das mulheres por seus direitos. Nas palavras de Darós, Sousa e Garcia (2019, p. 222), “em memória à luta histórica das mulheres pelos seus direitos, o Dia Internacional da Mulher é significado como um lugar de acolhimento de mulheres, um lugar de memória que traz em seu âmago o direito à voz, e, muitas vezes, de sua própria existência na esfera social.”

A data foi escolhida justamente para simbolizar e celebrar as manifestações realizadas pelas mulheres. Em 1857, por exemplo, 129 operárias morreram queimadas por uma ação policial, em seu local de trabalho, nos Estados Unidos, enquanto faziam uma greve reivindicando uma jornada de trabalho menos exaustiva e o direito à licença-maternidade. Anos depois, em 25 de março de 1911, houve um incêndio na fábrica têxtil da “Triangle Shirtwaist”, causando a morte de 129 mulheres e 23 homens, fato que contribuiu para que fossem especificadas rigorosas regras e leis sobre a segurança no trabalho. Tal acontecimento contribuiu para a

criação do Dia Internacional da Mulher, embora Darós, Sousa e Garcia (2019) elucidem em seu artigo, baseadas em Clay (2001), que Clara Zetkin, militante e intelectual alemã, já havia proposto, um ano antes desse incêndio, a criação de uma data comemorativa anual para as mulheres.

Essas lutas de mulheres foram (e continuam sendo) propostas por um movimento que veio a ser conhecido como Feminismo:

O feminismo produziu um acontecimento histórico e, desta forma, rompeu o círculo de repetição da condição das mulheres na sociedade. Os discursos feministas se caracterizam por reunir, convencer, organizar e politizar as mulheres, tornando-as visíveis para si mesmas e convidando-as à constituição de coletivos de luta (ZOPPI FONTANA; FERRARI, 2017, p.10).

A imagem²⁴ a seguir (figura 4), que circula na internet em páginas feministas e em perfis nas redes sociais de mulheres que se consideram feministas, traz um breve resumo da evolução dos direitos da mulher no Brasil.

²⁴ Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=direitos+da+mulher+para+que+serve+o+feminismo&rlz=1C1GCEA_enBR839BR839&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjTmP3I3vbhAhWTA9QKHaleDmlQ_AUIECgD&biw=1366&bih=657#imgsrc=Rd4sbZg51Qolgm: Acesso em: 14 fev. 2019.

Figura 4 – Evolução no Brasil dos direitos da mulher – “Pra que serve o feminismo”



Fonte: <https://www.facebook.com/GrevedeMulheres/photos/pra-que-serve-o-feminismo/2401651426575876/>

Esse quadro circula pelas redes sociais com a seguinte legenda: “Pra que serve o feminismo...”. Isso porque muitas pessoas acreditam que o feminismo seria uma espécie de machismo, só que ao invés de o homem ter o papel de ser superior, isso aconteceria com a mulher. Na verdade, é bem o contrário disso: o feminismo caracteriza-se por buscar direitos das mulheres numa relação de igualdade aos direitos do homem, e não superioridade em relação a eles.

Zoppi Fontana & Ferrari (2017, p. 7) esclarecem que, especialmente nas últimas décadas, “o reconhecimento dos direitos das mulheres ganhou destaque, dando lugar a mudanças na legislação, a programas sociais de atendimento

específico e a campanhas de conscientização sobre aspectos que envolvem essa população, em especial contra a violência de gênero”. Entre essas mudanças, podemos citar, como exemplificação, a Lei Maria da Penha, citada na figura 4, que entrou em vigor em setembro de 2006 com o intuito de proteger as mulheres da violência doméstica, sendo considerada pela Organizações das Nações Unidas (ONU) como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra as mulheres.

Entretanto, a criação da Lei Maria da Penha pode ser considerada contraditória em relação a si mesma, pelo fato de servir para defender as mulheres ao mesmo tempo em que só foi criada justamente pela falta dessa defesa. Seu nome é uma homenagem à cearense Maria da Penha Maia Fernandes, cuja história foi o que levou o Brasil à criação desta lei, porém não pela sua mera boa vontade em criar uma lei que protegesse as mulheres do país, mas sim por meio de uma punição da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Maria, a quem se deve essa mudança nas leis²⁵ do país, foi uma biofarmacêutica, sendo casada com Marco Antônio Heredia Viveros, de quem sofreu violência doméstica durante 23 anos. No ano de 1983, Marco Antônio tentou assassinar a sua mulher duas vezes. Na primeira, deixou Maria paraplégica com um tiro de arma de fogo. Na segunda vez, tentou assassiná-la por eletrocussão e afogamento. Foi a partir daí que ela saiu de sua casa e iniciou a luta para a condenação de seu marido. Entretanto, o processo ficou em aberto por anos, sem que a justiça cumprisse com seu dever.

Foi então, após mais de 19 anos de luta de Maria da Penha para punir seu agressor, que o Centro pela Justiça pelo Direito Internacional (CEJIL) e o Comitê Latino-Americano de Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM), juntamente com a vítima, formalizaram sua denúncia à OEA. O Brasil, então, foi acusado por negligência, omissão e tolerância, sendo condenado por não dispor de mecanismos que proibissem a prática de violência doméstica contra as mulheres. A Comissão recomendou, ainda, que o processo penal de Marco Antônio fosse finalizado e, entre outras medidas, que houvesse a reparação material e simbólica da vítima em razão

²⁵ Para contarmos essa história, informações foram obtidas nos seguintes sites: <https://tj-sc.jusbrasil.com.br/noticias/973411/saiba-mais-sobre-a-origem-da-lei-maria-da-penha-2>
<https://escolaeducacao.com.br/lei-maria-da-penha-poderosa-arma-no-combate-a-violencia-contra-a-mulher/>

da falha do Estado em cumprir com seu papel de punir o agressor. Por isso, o Brasil foi obrigado a criar uma política que fosse voltada à punição, prevenção e erradicação da violência contra a mulher, o que se comprometeu a fazer por meio da criação desta lei.

Por consequência, foi em agosto de 2006 que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei Maria da Penha, criada com o objetivo de punir com mais rigor os agressores contra a mulher no âmbito doméstico e familiar, sendo hoje um símbolo da luta das mulheres contra a violência. Com ela, hoje o agressor pode ser preso em flagrante ou mesmo ter prisão preventiva decretada, coisa que antes não acontecia, pois a punição era mais leve, como por exemplo o pagamento de cestas básicas. Em meio a todo esse tempo, Maria da Penha lançou o livro “Sobrevivi... posso contar”, em que narra a violência sofrida por ela e por suas filhas.

Por isso, apesar de a lei estar entre as melhores legislações do mundo no combate à violência contra mulheres, esta só existe pelo descaso do país, do modo como a justiça deixou de agir em defesa de Maria da Penha, uma vez que o caso estava prescrevendo o agressor não ia ser preso, tornando-se um caso de litígio internacional para que uma providência fosse de fato tomada.

Por outro lado, mesmo com a criação da lei, a mulher precisa estar sempre na luta contra o patriarcado que continua nos estruturando enquanto sociedade. Mesmo que as leis existam, não há garantia de que serão cumpridas ou mesmo de que as mulheres estão seguras, visto que, infelizmente, há uma dominação ideológica machista que -ainda- persiste nos dias atuais.

Por isso, hoje, movimentos de lutas feministas são necessários por, no mínimo, dois motivos: o primeiro é que, infelizmente, continuam existindo países onde as mulheres são totalmente submissas aos homens, não possuindo os mesmos direitos que outras mulheres conseguiram conquistar pelo resto do mundo, direitos que vão desde vestir a roupa que quiserem até poder estudar ou trabalhar. O segundo motivo é que, mesmo em países onde já existem direitos conquistados, a igualdade pode ser vista somente na teoria: mesmo que a constituição garanta direitos iguais entre homens e mulheres, na prática as mulheres são menosprezadas de várias maneiras (intelectualmente, fisicamente, sexualmente etc.).

Conforme Garcia e Sousa (2014, p. 1043), na década de 1980, “as mulheres que estavam na Europa e nos Estados Unidos, como exiladas, trouxeram para o Brasil uma nova forma de pensar a condição da mulher, em que a posição histórica de mãe

de família, de dona de casa, de rainha do lar, passou a ser desconstruída”. Entretanto, não foi em todos os países que as mulheres conseguiram garantir essa desconstrução.

Nesse sentido, ainda são mobilizados movimentos sociais para que mais mulheres se sintam encorajadas a engajarem nas lutas feministas. Muitas das mobilizações acontecem por meio da internet, em páginas que permitem que mulheres de todo o país (ou mundo) reúnam-se para discutir questões pertinentes e debater estratégias de visibilidade. Assim sendo, conforme Zoppi Fontana & Ferrari (2017, p. 7), “o poder de convocação das redes sociais e de outras plataformas virtuais tem se mostrado como um novo espaço de construção de coletivos de identificação”.

Desse modo, esta pesquisa tem como um de seus principais objetivos, conforme vimos buscando demonstrar, investigar de que modo a cultura patriarcal e machista em que ainda vive a sociedade brasileira funciona na sociedade atual.

Isso porque, pensamos que, apesar de as mulheres fazerem resistência ao patriarcado, este ainda não se rompeu de fato. Prova disso está nos próprios casos de feminicídio que acontecem atualmente: o homem ainda considera a mulher como sua propriedade, por isso ele a agride, a machuca, a mata. Ou seja, a cultura machista ainda está em funcionamento, ela não só está na memória, mas ainda se repete na atualidade.

Assim, analisar-se-á, na parte 3 deste trabalho, dizeres que circulam sobre as mulheres, a fim de que se possa estabelecer se eles rompem ou não com o padrão machista estabelecido na memória.

O interdiscurso, conceito fundamental para a AD, é o lugar onde se encontram os saberes, os já-ditos. Partindo de uma teoria de que todos os discursos já preexistem ao sujeito, o interdiscurso consiste em um espaço onde estão “guardados” todos os discursos, que, por sua vez, dividem-se em formações ideológicas e discursivas²⁶.

Desse modo, estamos em consonância ainda com Zoppi Fontana & Ferrari (2017, p. 8), quando as autoras afirmam que o campo em torno dos estudos sobre as mulheres “fornece um espaço privilegiado de observação para os estudiosos da linguagem, dado que está inteiramente atravessado por processos discursivos que deslocam sentidos já estabilizados historicamente”. Assim sendo, sabemos que há

²⁶ Esses conceitos serão melhor explicados no item 3.2. deste trabalho.

uma memória sobre a mulher, discursos que foram ditos e enraizados, e o que buscamos é identificar que relações esses “velhos” discursos têm com os atuais, se mudam ou se há resquílios dos dizeres marcados e consolidados na memória. Para Darós, Sousa e Garcia (2019, p. 222),

[...] a repetibilidade com que os discursos sobre as mulheres circulam na mídia, em especial na mídia digital, promove um efeito de linearidade desses dizeres, muitas vezes, significados como única possibilidade de leitura dos sentidos que ali se inscrevem. No entanto, o espaço virtual tem como uma de suas especificidades uma heterogeneidade de sentidos que se materializam em diferentes comunidades virtuais. Em contraposição a esses dizeres sobre (e para) as mulheres, relativamente estabilizados no seio social, há movimentos de e para as mulheres no ciberespaço que, segundo afirma Garcia e Sousa (2014), trazem uma atualização de dizeres sobre o sujeito feminino, fazendo intervir uma memória sobre a mulher em contraposição a esses discursos relativamente estabilizados.

Assim, consideramos duas possibilidades: esses discursos por nós selecionados em nosso *corpus* de pesquisa tanto podem reforçar o imaginário social de um dizer pré-estabelecido, quanto podem irromper com a memória, “abrindo brechas sociais e discursivas para o deslocamento de sentidos e a emergência de novas modalidades de identificação” (ZOPPI FONTANA; FERRARI, 2017, p. 8).

Desse modo, buscar-se-á investigar se os discursos mudaram ou permaneceram os mesmos estabilizados na memória. Para isso, nos propomos a pensar questões como: Como os sentidos dos dizeres sobre as mulheres são postos em jogo numa sociedade teoricamente igualitária? O dizer sobre as mulheres mudou, na mesma proporção em que seus direitos foram sendo adquiridos? Que sentidos circulam sobre o sexo feminino em uma sociedade cujos preceitos machistas foram excluídos pela lei?

3.1 OS DIFERENTES FEMINISMOS E AS MULHERES NA POLÍTICA

O movimento feminista, atualmente, cumpre um papel fundamental na luta das mulheres por mais liberdade, por direitos iguais e pela maior valorização da mulher enquanto sujeito em sociedade. Esse movimento de mulheres busca por respeito, oportunidades justas e iguais às dos homens no mercado de trabalho, remuneração adequada e que não as desvalorize em relação ao homem e, entre outras conquistas, procuram consolidar também o seu espaço na política.

Apesar de ser uma luta geral de mulheres por maior liberdade e mais direitos igualitários, o movimento feminista também pode ser dividido entre diversas correntes que se diferem entre si por terem concepções e objetivos que divergem uns dos outros. Por isso, façamos uma breve exemplificação dos diferentes feminismos existentes hoje, de modo que nos ateremos especialmente ao feminismo liberal, que se preocupa com o papel da mulher na política, visto que é o tipo de feminismo que se encaixa nas questões suscitadas neste trabalho.

O feminismo, no geral, é um movimento político, social e filosófico que busca combater o machismo, que, por sua vez, contempla uma série de comportamentos que tendem a inferiorizar as mulheres. Tais comportamentos estão de certa forma enraizados em nossa sociedade e são perpetuados até hoje, mesmo após anos de lutas de mulheres que clamam por igualdade.

Os modos como o machismo pode ser exposto são vários: agressões verbal e física, inclusive em casos de violência doméstica, quando os próprios maridos/namorados agredem suas esposas/namoradas seja por ciúmes ou qualquer outro motivo; tais agressões podem vir a se tornarem feminicídio, que acontece quando essas violências se transformam em assassinato, pois o homem se acha no direito de matar a sua “amada”; há, ainda, os casos em que mulheres são vítimas de assédio sexual, o que pode acontecer em qualquer ambiente, como em casa, na rua ou no trabalho, mostrando que a mulher não está segura em parte nenhuma; além desses casos mais violentos, há ainda o machismo sutil, que acontece quando as mulheres ganham salário menor que os homens mesmo exercendo a mesma função, quando sua capacidade e inteligência são motivos de dúvidas aos homens, quando são menosprezadas e desrespeitadas, quando alguém objetifica seu corpo ou ainda quando falam que as tarefas da mulher devem ser apenas as do lar (cuidar, limpar e passar), porque não teriam capacidade de exercer funções de maior importância em uma sociedade, como chefiar empresas, gerenciar um negócio ou comandar um país. Ou seja, as mulheres sofrem e inclusive são mortas pelo simples fato de serem mulheres.

É válido lembrar, ainda, que o machismo nem sempre vem somente dos homens, uma vez que as próprias mulheres podem estar inseridas em formações ideológicas machistas e trazerem em seus discursos dizeres machistas. Há, também, aquelas que se posicionam contra o movimento feminista, provavelmente por desconhecerem tamanho benefício em que elas mesmas estão inseridas graças a ele,

como: poder votar, poder escolher com quem casar-se, poder trabalhar, etc. Afinal, se não fossem essas lutas, - talvez - ainda viveríamos no sistema totalmente patriarcal dos séculos passados, sendo propriedades de nossos pais, irmãos ou maridos. Se as mulheres, decididas e unidas, não tivessem iniciado a luta pela conquista de seus direitos, os homens provavelmente não o teriam feito por elas.

Os primeiros sinais da luta feminista apareceram durante a Revolução Francesa, quando alguns homens revolucionários fizeram a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e as mulheres, diante disso, decidiram escrever também a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. O movimento ganhou força no século XVIII com a Revolução Industrial e aos poucos foi se espalhando e se consolidando pelo mundo.

Logo começou-se a notar as diferenças entre os objetivos de diferentes feministas, que se estavam inseridas em posições sociais (e ideológicas) diferentes, o que não demoraria a transformar-se em divergentes concepções de lutas feministas, incluindo até mesmo outros modos de manifestações, diversas entre si:

A expressão 'o feminismo' esconde um mosaico de situações diferentes, muito afastadas de um conjunto homogêneo, sendo que a aparente comunhão de ideologias sob a bandeira do feminismo esconde a variedade de feminismos. Se as lutas de algumas organizações sufragistas, no final do século XIX, deram ao feminismo um carácter de radicalidade pela frontalidade que colocavam nos seus protestos (greves de fome, interrupção de reuniões parlamentares, manifestações de rua), existiram outras feministas que procuraram apresentar o movimento com um carácter moderado, como um movimento 'respeitável', valorizando a maternidade como meio de afirmação das mulheres nas suas reivindicações pela educação, pelo acesso à profissão e pelo próprio direito ao voto. É assim, que o feminismo surge, em 1901, no *Journal des femmes*, tendo por fim 'o melhoramento da condição da mulher do ponto de vista educacional, econômico, social, filantrópico ou político' (TAVARES, 2010, s. p.).

No Brasil, foi apenas no século XX que surgiram os movimentos de mulheres, tendo como pioneiras Nísia Floresta e Bertha Luz, que fundaram a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, lutando pelo direito das mulheres ao voto e ao emprego, já que, na época, era necessária a autorização do marido para que elas pudessem exercê-los.

Já nessa época começaram a surgir as diferentes necessidades de lutas brasileiras, em razão das diferentes vivências das mulheres. Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, por exemplo, perceberam que os primeiros movimentos feministas representavam muito pouco as mulheres negras e, a partir de então, começaram a

lutar pelos direitos das mulheres negras, tornando-se nomes importantes da militância feminista da época.

Pelo fato de mulheres que ocupavam ou pensavam diferentemente as questões de posição social, racial, filosófica, sexual e política terem percebido diferentes necessidades de luta (de acordo as formações ideológicas em que se inseriam), foi que o movimento feminista começou a se ramificar em diversas correntes.

O clima polarizado, outrora existente, se suavizou com a tomada de consciência da diversidade de teorias feministas em função de contextos culturalmente específicos. Desenvolveu-se uma nova e mais produtiva abordagem às diferenças entre as posições feministas. Novas tendências começaram a surgir na década de 1990. O sujeito feminista surge como uma entidade múltipla, aberta, multifacetada pelas estruturas de classe, idade, etnia, orientações sexuais, pelo próprio território, ou, ainda, deixa puramente de existir numa abordagem mais complexa do pensamento *Queer* (TAVARES, 2010, s. p.)

Hoje, existem várias vertentes do feminismo, como: feminismo liberal, feminismo radical, feminismo interseccional, feminismo negro, transfeminismo, feminismo lésbico, ecofeminismo, feminismo socialista, entre outros; sendo que todos estes buscam, de alguma forma, defender os direitos das mulheres, porém cada um baseado em suas próprias concepções ideológicas.

Façamos uma síntese de três diferentes tipos de feminismos para exemplificar o modo como as formações ideológicas se diferem entre si. Os Feminismos Liberal, Socialista e Radical estão entre os que têm mais adeptas, ou, pelo menos, são os mais comentados em redes sociais, sendo mais “populares” e conhecidos. Por isso, foram escolhidos para serem explicados:

O Feminismo Liberal está entre os tipos de feminismos mais antigos, embora seu nome tenha sido formulado recentemente. Nessa vertente, os sujeitos inserem-se em formações ideológicas que acreditam na total liberdade da mulher. Há um pensamento individualista de cada mulher deve, por si só, empoderar-se, para que consequentemente todas ao seu redor o façam também. Esse empoderamento deve dar-se exclusivamente pela mulher, só depende dela. As liberais acreditam que cada mulher deve livrar-se do machismo como se fosse um impedimento pessoal e não algo que as afete como um grupo, como um todo. Ou seja, cada mulher tem o poder de se libertar, de se tornar livre. Nesse tipo de feminismo, defende-se que cada mulher é livre no que concerne às decisões sobre seu próprio corpo e, por isso, defendem a liberação de trabalhos com pornografia ou prostituição, sendo estes trabalhos comuns

que devem ser encarados com a mesma simplicidade e facilidade que outra profissão qualquer;

O Feminismo Marxista ou Socialista entende que as mulheres são oprimidas como consequência do sistema capitalista em que vivemos, como um modo de opressão da sociedade que tem relação com as divisões de classes. Assim, as socialistas entendem que a subordinação aconteceu por conta de como as tarefas e papéis foram estabelecidos em relação à economia: os homens eram quem deviam sustentar a casa, trabalhar e conseguir dinheiro, enquanto às mulheres cabia o papel de cuidar do lar, fazer comida, lavar roupa, limpar a casa e responsabilizar-se pela criação dos filhos. Ou seja, elas não tinham o direito de trabalhar e, por isso, o primeiro objetivo dessas feministas foi conseguir esse direito.

Por último, o Feminismo Radical acredita que não basta empoderar-se para destruir o machismo, pois, uma vez que homens existem, o machismo estará presente na sociedade. Assim, elas são adeptas à ideia de que simplesmente relacionar-se com um homem já seria uma opressão, acreditam não ser possível ter relação com um homem sem estarem sendo oprimidas. Por isso, geralmente são vistas como “extremistas” demais, sendo este um dos tipos de feminismo mais polêmicos na atualidade. Além disso, algumas feministas radicais acreditam que mulheres trans não podem participar da luta feminista, pois pensam que, uma vez que elas nasceram como homens, teriam tido os privilégios do patriarcado e ainda continuam sendo detentoras do poder da opressão, mesmo agora em corpos femininos. Ou seja, as radicais acreditam que a sociedade está dividida entre opressor e oprimido, de modo que os homens sempre serão opressores e as mulheres sempre serão inferiorizadas enquanto viverem no meio deles.

A questão da mulher empoderada, defendida pelo Feminismo Liberal, tem relação com a mulher política. Isso porque o empoderamento feminino deve alcançar as mais diversas formas de liberdade. Os princípios desse empoderamento podem ser de caráter sexual, sentimental, social, político, de igualdade de direitos, de garantia à saúde e educação, de respeito e não-discriminação, entre outros.

Logo, ao empoderar-se, a mulher estará passando também a ocupar espaços de poder, espaços que antes eram apenas destinados aos homens. Ela sabe que tem a capacidade de ocupar posições importantes na comunidade. Porém, ela sempre estará na luta contra o machismo estruturado em nossa sociedade.

Hoje, as mulheres já ocupam espaços de poder, inclusive no ambiente político. Entretanto, mesmo já estando lá, elas ainda não são vistas como sujeitos ocupando um cargo político por merecimento ou capacidade: elas são menosprezadas e desrespeitadas por sua condição enquanto mulheres. Na nossa sociedade ainda conservadora, a mulher já conquistou o seu espaço na política, mas precisa provar que merece estar ali, porque não é dado a ela a mesma credibilidade ou confiança que um homem teria. Ou seja, apesar de inserida na política, a mulher ainda precisa lutar para conquistar o respeito.

Prova disso é a ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff. Ela foi a primeira mulher a ocupar o cargo de máxima importância, o de Chefe de Estado, em toda a história do país, conquista conseguida nas eleições de 2010, sendo que exerceu a função até 2016, quando sofreu um impeachment. Entretanto, apesar de isso significar um ponto importante da luta política feminina no Brasil, Dilma foi vítima de muitos discursos machistas e foi julgada enquanto sua condição de mulher.

Em 2015, algumas pesquisas²⁷ indicavam que havia brasileiros insatisfeitos com o seu governo, em um momento que o preço da gasolina no país estava aumentando. Foi aí que a então presidente foi “atacada” por sua condição enquanto mulher. Isso porque foram feitos adesivos com uma foto dela com as pernas abertas e colados nos tanques de gasolinas²⁸ de carros no país, de modo que a bomba, ao abastecer o carro, dava a impressão de estar penetrando-a, o que claramente remetia ao ato sexual.

Obviamente, aqueles brasileiros insatisfeitos com o governo e com o preço da gasolina poderiam ter usado de outras formas para protestar: modos de protestos que não apelassem para tamanha falta de respeito com uma mulher. Mesmo assim, escolheram usar de algo que a atacasse diretamente enquanto mulher: a sexualidade.

A própria Dilma denunciou, em novembro de 2017, a diferença com que era tratada em relação a presidentes homens:

Quando governei, nada podia parecer certo. Fui inaugurar um aeroporto, e eles encontraram um banheiro pingando. Fizeram um escarcéu. E tinha a linguagem machista: ‘a Dilma é uma mulher dura, o homem é firme; a Dilma é emocionalmente instável, o homem é sensível’. Eu era “obsessiva

²⁷ Informações retiradas do site: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/blog-da-redacao/adesivo-com-dilma-sendo-penetrada-por-bomba-levanta-a-questao-isso-e-protesto/> Acesso em: 08/01/2020.

²⁸ Por se tratar de imagens ofensivas, optamos por não trazer neste trabalho, contudo o leitor que tiver interesse em vê-las poderá encontrá-las na internet, inclusive no site acima citado.

compulsiva com trabalho”, homem é “empreendedor e trabalhador”. Este jogo da misoginia é muito bem feito por quem o usa. (ROUSSEFF, 2017)

O machismo enraizado na sociedade e na política brasileira está exemplificado no relato de Dilma. A mesma atitude de um homem e de uma mulher são ditos de diferentes modos: a mulher é tachada de “compulsiva por trabalho”, expressão que traz um teor negativo, enquanto o homem é caracterizado como “trabalhador”, lembrando uma característica positiva, uma qualidade. Esses discursos, ditos desse modo, são utilizados como forma de desestabilização da mulher política, como uma forma de reafirmar que ela não teria capacidade de ocupar a posição em que está, enquanto ao homem político são proferidos dizeres mais amenos, como chamá-los de “firme”, o que o coloca em posição superior à da mulher, que é “dura”, dando a ele credibilidade sobre sua posição, e, a ela, descredibilidade.

Ou seja, esses contextos são apenas exemplos de como a mulher, mesmo ocupando espaços de poder, ainda é humilhada, desrespeitada e menosprezada pelo simples fato de ser mulher.

Por isso, ainda há muitas lutas que os movimentos feministas precisarão enfrentar, para, talvez (esperamos que sim), um dia finalmente as mulheres consigam ser respeitadas enquanto sujeitos em sociedade, enquanto sujeitos que ocupam cargos de poder e o fazem por merecimento, com capacidade, com qualidade.

3.2 FORMAÇÃO IDEOLÓGICA: FEMINISMO X MACHISMO

Assim como o objeto de estudo da Linguística é a língua, o objeto em foco nos estudos da Análise de Discurso está indicado em seu próprio nome: o **discurso**. A partir disso, entendemos que devemos, em primeiro lugar, esclarecer o que se entende por esse conceito teórico. Para Ferreira (2010, p. 17),

[...] o discurso foi sempre para Pêcheux o objeto de uma busca infinita que, sem cessar, como lembra Denise Maldidier, “lhe escapa”. É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. E é também onde se cruzam as reflexões de Pêcheux sobre a história das ciências, sobre a história dos homens, sua paixão pelas máquinas, entre outras tantas. O discurso constitui-se, assim, no verdadeiro ponto de partida de uma “aventura teórica”.

O discurso não é a língua, a linguagem ou o texto em si, mas sua existência material depende de elementos linguísticos. Assim sendo, o discurso está no exterior da língua, pois se encontra no social, envolvendo outras questões que não só as linguísticas, como a ideologia, a história ou mesmo o próprio sujeito do discurso.

Assim, podemos dizer que a Análise de Discurso trabalha com a língua em seu aspecto social, e não como um sistema pronto e fechado. A língua, portanto, é levada em conta em seu pleno funcionamento, em movimento, sendo usada pelos sujeitos falantes. Do mesmo modo, não existe um sentido único para uma palavra ou expressão, pois isso irá mudar conforme a inscrição ideológica do sujeito que fala, justamente porque o funcionamento discursivo permite que os sentidos do discurso sejam diferentes de acordo com suas condições de produção. Nesse sentido,

[...] por exemplo, a palavra “terra” não significa o mesmo para um índio, para um agricultor sem terra e para um grande proprietário rural. Ela significa diferente se a escrevemos com letra maiúscula Terra ou com minúscula terra etc. Todos esses usos se dão em condições de produção diferentes e podem ser referidos a diferentes formações discursivas (ORLANDI, 1999, p. 44).

Desse modo, ao investigarmos os discursos sobre as mulheres nas redes sociais, vinculados às *fake news*, buscaremos entender seus sentidos de acordo com a nossa concepção de significado dos discursos lá encontrados, que terão para nós sentido conforme os sentidos em relação a memórias estabelecidas na sociedade, das quais temos conhecimento e entendimento em razão de nossas próprias vivências e conhecimentos.

Falamos a mesma língua, mas falamos diferente. Dizemos as mesmas palavras, mas elas podem significar diferente. As palavras remetem a discursos que derivam de seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Como dissemos, o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória (ORLANDI, 1999, p. 80).

Assim, o sentido que suscitará para nós é apenas um entre tantos outros que seriam possíveis, de acordo com o sujeito que o lê/escreve. Afinal, para Pêcheux (2012, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”, o que consiste na ideia de que a língua não é um sistema pronto e fechado com suas palavras tendo uma significação única, mas sim um sistema sujeito

a falhas, brancos, equívocos, lapsos, deslizos, pois ela depende de seus falantes, ou, no caso deste trabalho, de quem a escreve, de quem a utiliza. Para Orlandi (2005, p.13), “não há sentido sem essa possibilidade de deslizamento”. Neste viés, cada sujeito dará sentido as palavras de acordo com sua própria ideologia, por isso os sentidos dos enunciados podem ser diferentes de acordo com quem é o sujeito que os proferiu e quem é o sujeito que os está lendo. Essa possibilidade de derivação é o que na Análise de Discurso chamamos de “efeitos de sentido”.

O dispositivo teórico da Análise de Discurso nos permite fazer relações entre seus conceitos, tal como os conceitos de sujeito, discurso, ideologia, formação discursiva, sentido etc., porque ao tomarmos uma noção, por exemplo a de sujeito, é necessária a reflexão ou o conhecimento sobre as outras noções, de modo que todas se convocam umas às outras. Assim, dentro da Análise de Discurso, um dos princípios chave é a ideia da interpelação do sujeito pela ideologia. Para Fernandes (2008, p. 17),

[...] como o discurso encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas linguísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala, fora delas, ou seja, para compreender de que se constitui essa exterioridade [...]. Dessa maneira, se instaura um campo de conflitos no qual diferenças sociais coexistem. Se há diferenças, há embates no social e, conseqüentemente, no linguístico. O que marca as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, caracterizando tais embates, é a ideologia, é a inscrição ideológica dos sujeitos em cena. Portanto, ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso.

Nesse viés, todos os indivíduos são atravessados por uma ideologia, de modo que tal ideologia é expressa em seu discurso e é através do discurso que o indivíduo se constitui como sujeito. Do mesmo modo, então, como existem, no social, posições ideológicas diferentes entre si, que se contrastam e/ou que se contradizem, essa mesma coexistência também vai se dar no discurso, visto que os sujeitos inscrevem-se em espaços sócio-ideológicos diferentes e, como consequência, os discursos de cada um dar-se-ão conforme aquela formação ideológica com a qual ele se identifica.

Nesse sentido, para explicitarmos melhor a noção de todos os discursos coexistentes, tomemos, primeiramente, o conceito de Interdiscurso. Pêcheux (1995, p. 162) propõe chamar de interdiscurso ao “**todo complexo com dominante** das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de

desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas” (grifos do autor). Baseada nesta concepção de Pêcheux, Petri (2004, p. 40) ainda afirma que:

Este todo complexo abriga uma diversidade de saberes (discursivos) que emergem conforme determinação ideológica específica, isso se dá dessa forma porque o sentido não está propriamente inscrito num lugar, numa determinada Formação Discursiva: todos os sentidos estão abrigados potencialmente no âmbito do interdiscurso, lugar do sentido e do não-sentido. O interdiscurso, então, constitui-se como um lugar: todos os sentidos estão lá, mas só vão significar quando convocados por uma determinada Formação Discursiva.

Assim, entendemos por interdiscurso esse “lugar” onde estariam inseridos todos os saberes, que, por sua vez, estariam redistribuídos (constituindo as formações discursivas). Dentro desse interdiscurso, que contém todos os saberes gerais, cada sujeito pode acessar o conhecimento que lhe interessa, ou seja, a formação discursiva com a qual se identifica. Afinal, “de posse desses ‘saberes’ (advindos do interdiscurso) o sujeito pode inscrever-se no domínio de uma determinada Formação Discursiva, assumindo uma posição-sujeito bem determinada, onde o seu discurso produza determinados efeitos de sentido e não outros” (PETRI, 2004, p. 40).

Assim, as noções de formação discursiva e formação ideológica, que são atreladas uma à outra e essencialmente mobilizadas neste trabalho, são necessárias para que se possa compreender melhor a noção de Interdiscurso, isso porque, conforme Petri (2004), as duas primeiras noções (FD e FI) são essencialmente constitutivas da terceira (Interdiscurso), bem como dependem dela para funcionarem na constituição do sujeito e do sentido no discurso.

Para Pêcheux, os conceitos de formação discursiva e formação ideológica são constitutivos um do outro, já que as formações ideológicas determinam o que pode e deve ser dito dentro das formações discursivas e estas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.

Conforme Pêcheux (1995 p. 162) “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. Dessa forma, o indivíduo, ao identificar-se com uma formação ideológica, estará inscrito numa formação discursiva que o representa, de modo que é através da linguagem que ele manifestará seus dizeres correspondentes às formações em que está inscrito e assim é que ele se torna sujeito de seu discurso, porque seu discurso está interpelado por suas ideologias.

Assim, concordamos com Indursky (2008) quando a autora atesta que “é através da relação do sujeito com a formação discursiva que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso”.

Quanto à questão da derivação de sentido dos discursos, Orlandi (1999, p. 94) afirma que “é pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos”. Neste trabalho, ao analisarmos as materialidades encontradas nas redes sociais, buscaremos identificar sentidos em relação aos dizeres sobre a mulher, de modo a explicitar se estão inseridos ou não em uma formação discursiva machista. Desse modo, cabe definir de antemão o que entendemos como uma formação discursiva machista, para que possamos identificá-la nos discursos mais adiante.

Uma formação discursiva machista é, então, aquela em que o homem é visto como superior à mulher. O machismo acontece quando não se aceita direitos iguais entre homens e mulheres, de modo que a mulher é diminuída, minimizada, assim como seus direitos, seus sentimentos e tudo que se refere a ela. Nessa concepção, a mulher deve servir ao homem, ser submissa, não tendo direito a se expressar, ter opinião própria. O machismo também trata a mulher como dona de casa, de modo que cabe a ela fazer todos os serviços domésticos, incluindo a parte materna, quando ela é a responsável pela criação dos filhos, bem-estar da família e funcionamento da casa, sendo inclusive proibida de trabalhar fora, pois no machismo é o homem quem deve sustentar financeiramente a família, enquanto a mulher deve até mesmo pedir a permissão de seu marido ou pai quando quiser comprar qualquer coisa de que necessite, inclusive itens básicos, como roupas. Além disso, o machismo ainda denota às mulheres uma imagem de cunho sexual, como se elas existissem apenas para satisfazer os prazeres masculinos, independentemente de sua própria vontade. Assim, seu corpo é sexualizado, como se pertencessem aos homens e não a elas próprias. Desse modo, uma formação discursiva machista será assim definida quando emitir sentidos que se encaixem nas características da ideologia machista aqui citados. Logo, uma formação discursiva machista caracteriza-se por abranger saberes que se baseiam em uma supervalorização do homem em detrimento da mulher.

Pêcheux define, ainda, os sujeitos como “bom sujeito” e “mau sujeito”:

A primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livremente

consentido”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o sujeito. [...]

A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta) com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”[...] (PÊCHEUX, 1995, p. 215).

Nesse viés, tomamos como “bom sujeito” aqueles que estão plenamente identificados com a formação discursiva na qual estão inseridos, que concordam com os saberes pertencentes a ela e retomam em seu dizer sentidos que condizentes a ela. Já o “mau sujeito” é aquele que se distancia da formação discursiva na qual estava inscrito, porque ele deixa outro saber o afetar, de modo que ele passa a não mais concordar totalmente com sua formação discursiva, apesar de ainda se identificar em partes com ela. Esse movimento é chamado de contra-identificação e acontece quando o sujeito se permite questionar os saberes da sua formação discursiva.

Há, ainda, a desidentificação, que acontece quando o sujeito passa a inserir-se em outra formação discursiva, diferente daquela na qual ele estava inscrito primeiramente. Assim, ele deixa de se identificar completamente com aqueles saberes com os quais antes identificava-se. Nessa perspectiva, baseada na teoria de Pêcheux, Indursky (2008, s. p.) afirma que o homem “está sempre identificado a alguma ideologia”, entretanto “não está condenado a manter-se sempre identificado com o mesmo domínio de saber”. Assim, “o sujeito do discurso pode romper com o domínio de saber em que estava inscrito e, em consequência, identificar-se com outra FD”.

4. OS DIZERES QUE CIRCULAM SOBRE A MULHER POLÍTICA NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

A ideia de trabalhar com os discursos sobre a mulher a partir de *fake news* em redes sociais, pensada em conjunto com minha orientadora, mostrou-se pertinente ao desejo de buscar um conteúdo atual. Assim, como as redes sociais são plataformas muito utilizadas no mundo atualmente, como consequência, as notícias falsas que nesses meios se espalham acabam por se tornar um material contemporâneo para análise, de modo que nosso *corpus* pode inclusive ir sofrendo modificações ao longo da escrita, já que novas materialidades podem surgir a cada dia, conteúdos “frescos”, por assim dizer, que saem diretamente da rede social para serem analisadas em nosso trabalho. Desse modo, ao unir o desejo de entender os discursos sobre a mulher com a grande fonte de discursos atuais que pode ser a internet, tem-se o nosso objeto de pesquisa: discursos sobre a mulher a partir de notícias falsas circulantes em redes sociais.

Ressaltamos que, para seleção de materiais para análise, utilizamos a noção de recorte, que, para Fernandes (2008, p. 65) “trata-se da seleção de fragmentos do *corpus* de análise; ou seja, quando o analista escolhe seu objeto de análise, ele precisa ainda selecionar pequenas partes, escolhidas por relações semânticas, tendo em vista os objetivos do estudo”.

Dentre as notícias falsas que encontramos, percebemos uma predominância delas nas plataformas *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*. Conforme Flores & Cervo (2017, s. p.):

O Facebook é uma das redes sociais mais utilizadas pelos sujeitos nos dias atuais. Essa rede teve início no ano de 2004, foi lançada por estudantes da Universidade Harvard, e alcançou o mundo. Se pararmos para refletir sobre a palavra Facebook em si, notamos que envolve “face”, de rosto, e “livro”. O que chamou nossa atenção para o fato de que mesmo envolvendo o mundo virtual, o “papel”, que encontramos nos livros, continua presente, mas dessa vez é imaginário. Ou seja, é um lugar em que as pessoas utilizam não somente para entrar em contato com amigos, familiares, grupos, mas também como uma forma de expressar o seu dizer, escrevendo, expondo seu ponto de vista ou manifestando seus sentimentos.

Desse modo, isso nos leva a acreditar que essa rede é um espaço para que diversos discursos funcionem, inclusive as *Fake news*. Acreditamos que o fato de ser uma rede social usada por grande parte das pessoas (não só no Brasil, mas também em todo o mundo) faz com que esses discursos publicados pelos seus usuários

circulem mais facilmente, de modo que as publicações se espalham rapidamente, já que são compartilhadas pelos internautas e, assim, acabam tendo um alcance significativo.

Geralmente, as postagens realizadas por um usuário das redes *Facebook* e *Twitter* são de acesso público, principalmente porque são plataformas que permitem o compartilhamento, de modo que os usuários vão repassando e comentando a publicação original, que contém data, hora, o perfil de quem criou a postagem e algumas vezes até mesmo a cidade/local de onde foi postado aquele conteúdo. Isso só não acontece quando o próprio usuário decide privar sua rede e bloquear o acesso às suas postagens para aqueles que não pertencem a sua rede de amigos. Quando isso acontece, somente as pessoas de seu círculo de amigos verão as postagens e estas não poderão ser compartilhadas e passadas adiantes. Em consequência, as postagens com maior repercussão nessas plataformas são principalmente as publicadas em perfis abertos ao público, justamente pela possibilidade de serem compartilhadas, comentadas e circularem por vários perfis.

Entretanto, isso não acontece com o *WhatsApp*. O aplicativo serve para troca de mensagens diretas entre contatos e possui um mecanismo de defesa: a criptografia, que impede que um terceiro acesse mensagens trocadas pelos usuários. Por conseguinte, fica extremamente difícil rastrear as mensagens nesse aplicativo, já que alguém que recebe um conteúdo pode repassá-lo imediatamente a toda sua lista de contatos, mas não pode ser visto publicamente.

Desse modo, o professor de ciência da computação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fabrício Benevenuto (2018), explicou, em entrevista ao *site Época*, que, apesar de as notícias falsas poderem ser espalhadas em qualquer meio, o aplicativo *WhatsApp* propicia melhores condições para que isso aconteça:

O aplicativo passa uma noção de confiança por existirem grupos de vizinhos, grupos familiares. São espaços onde o usuário está em contato com pessoas muito próximas a ele. Nesse ambiente privado, seria ainda mais difícil desmentir informações falsas, uma vez que elas ganham credibilidade quando são transmitidas por pessoas que evocam confiança, como parentes e amigos²⁹.

²⁹ Disponível em: <https://epoca.globo.com/entre-fake-news-correntes-WhatsApp-dominou-debate-eleitoral-23149667> . Acesso em: 28 abr. 2019

Há ainda outro fator que contribui para a facilidade de se espalharem conteúdos inverídicos pelo aplicativo. Muitas operadoras de linhas de celular oferecem planos em que o aplicativo é gratuito, enquanto o acesso a qualquer *site* da internet é bloqueado, a não ser quando pagos. Tal plano é conhecido como “*WhatsApp* ilimitado” e é oferecido pelas maiores operadoras do país, de modo que é permitido ao usuário o acesso ilimitado ao aplicativo de mensagens, tendo o direito a envio de vídeos, fotografias e mesmo fazer ligações por voz ou vídeo gratuitamente. Nesse sentido, Benevenuto (2018, s.p.), na mesma reportagem, afirma que isso é perigoso porque “a pessoa passa a ver notícia através do *WhatsApp*. O acesso à grande mídia e à checagem de fatos é menor. Para ler alguns *sites*, é preciso pagar; mas no aplicativo, a informação de má qualidade chega gratuita e incluída no plano.”

Assim, somando-se os fatores criptografia – que impede o acesso às mensagens –, confiança – já que os contatos são pessoas próximas – e fácil acesso – quando o aplicativo é gratuito –, o *WhatsApp* acaba por auxiliar na facilidade de se espalharem conteúdos perigosos, como as notícias falsas. Há confiabilidade entre os usuários, de modo que o que está sendo repassado ali, em geral, não exige pesquisa sobre o assunto em outras fontes seguras e, por conseguinte, o conteúdo é reenviado para sua rede de amigos, fazendo circular para um número cada vez maior de pessoas.

4.1. O CASO MARIELLE FRANCO

Assassinada em 14 de março de 2018, no centro do Rio de Janeiro, Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, era vereadora do Rio de Janeiro, socióloga, feminista e defensora dos direitos humanos. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Marielle foi a quinta candidata mais votada nas eleições de 2016 (alcançou 46.502 votos, sendo essa sua primeira – e única – disputa eleitoral) para assumir o cargo de vereadora na legislatura 2017-2020. Nascida e crescida em uma favela do Complexo da Maré, no subúrbio carioca, Marielle se apresentava como “mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré”, e era uma fervorosa crítica da intervenção federal no Rio de Janeiro e da Polícia Militar, denunciando constantemente abusos de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. Sua vida lhe foi tirada a tiros aos 38 anos, logo após sair de uma reunião:

Ela estava no carro com sua assessora e o motorista que dirigia o veículo. O carro da vereadora foi atingido com 13 disparos por um carro que se emparelhou ao dela. Marielle foi atingida por quatro tiros na cabeça, seu motorista Anderson levou pelo menos três tiros nas costas, ambos vieram a óbito; apenas a assessora de Marielle sobreviveu, vindo a ser atingida por estilhaços de vidro apenas; ela foi levada ao hospital e liberada posteriormente. Os criminosos dispararam e fugiram sem levar nada. Segundo a PM, a principal suspeita do crime é a de que tenha sido uma execução. No momento do crime a vereadora estava sentada no banco de trás; como ela havia o costume de ir sentada no banco da frente e o carro possui filme escuro nos vidros, a polícia suspeita de os criminosos terem acompanhado o grupo por algum tempo, tendo adquirido assim o conhecimento da posição exata em que todos se encontravam no carro (OLIVEIRA, 2018, p. 10).

Mais de um ano depois, em abril de 2019, quando este trabalho começou a ser escrito, a polícia ainda não havia identificado o(s) assassino(s) ou mesmo o(s) mandante(s) do assassinato, de modo que o crime seguia sem solução ou resposta. Mais tarde, a polícia identificou alguns suspeitos para o crime, que segue sendo investigado pela justiça. Entretanto, um dos suspeitos de envolvimento na morte de Marielle foi morto pela polícia na Bahia no início de fevereiro de 2020, o que prontamente foi apontado como “queima de arquivo” por sujeitos que buscam respostas e soluções para o assassinato da ex-vereadora.

A morte da vereadora gerou grande repercussão no país logo após o crime acontecer. Como citado, a suspeita principal da causa de seu assassinato é a de execução, seja motivada ou não por uma ideologia política. O fato é que as campanhas de apoio à vereadora e suas ideologias foram muito intensificadas. Muitas cobranças foram feitas para a solução do caso. Muitas mobilizações foram realizadas em redes sociais, por parte de pessoas que cobravam uma resposta sobre o que tinha acontecido, ou mesmo de internautas que defendiam que havia sido um crime planejado.

Criou-se inclusive uma *hashtag*³⁰, #MariellePresente, como símbolo de que ela não seria esquecida e sua luta, principalmente pelos direitos humanos, seria levada adiante por seus companheiros adeptos aos mesmos posicionamentos

³⁰ *Hashtag* é uma palavra-chave antecedida pela cerquilha (#) que as pessoas geralmente utilizam para identificar o tema do conteúdo que estão compartilhando nas redes sociais. A adesão delas se tornou popular no *Twitter* e depois se disseminou para as mais populares mídias sociais da atualidade. Cada *hashtag* criada é transformada em um *hiperlink* que irá direcionar a pesquisa para todas as pessoas que também marcaram os seus conteúdos com aquela *hashtag* específica.

Em contrapartida, logo surgiu uma oposição, movimento ao qual tomamos a liberdade de chamar de “movimento de ódio”, advindo de internautas que surgiram na internet posicionando-se contra a vereadora e defendendo que a morte dela não era mais importante do que a de milhares de brasileiros assassinados e que, por isso, não era necessário dar tanta atenção para esse caso em específico. Chamamos a esses dizeres discursos de ódio porque eles se sustentam ao tentar discriminar ou desprezar um sujeito por sua condição de ser, agir e pensar – ou a um grupo de pessoas com uma característica em comum.

Conforme Rebs e Ernst (2017, p. 25 e 26), em razão da (ilusória) liberdade de expressão nas redes sociais e da facilidade de posicionar-se no meio *online*, “uma simples postagem de caráter polêmico é capaz de mobilizar um número infindável de pessoas que passam a discutir e a expor seus diferentes pontos de vista em discursos que, por vezes, emanam o ódio relacionado à discordância de pensamentos/ideologias”. Para os autores, os sujeitos que priorizam a violência através do discurso nas redes são os chamados “*haters*”, palavra que deriva do inglês e poderia ser traduzida como “odiadores” ou “odientos” e se caracterizam por “serem sujeitos que buscam a violência sem justificativa clara frente à sociedade em suas interações online , ou seja, priorizam o conflito e a disseminação do ódio”.

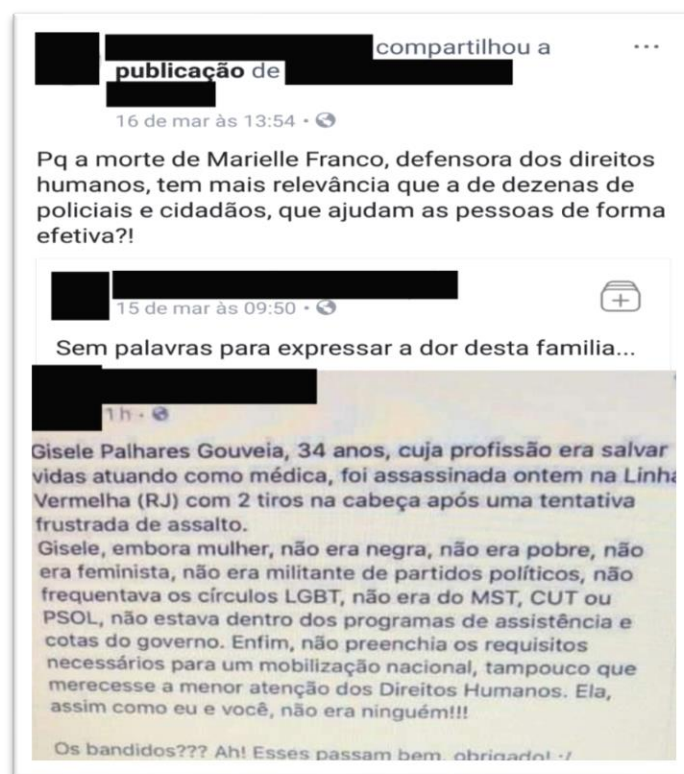
Nesse sentido, pensamos que os dizeres em relação à vereadora assassinada caracterizam-se como discurso de ódio, visto que são dizeres violentos, que minimizam a importância de descobrir o mandante de seu assassinato, que a diminuem enquanto pessoa, enquanto mulher e que tentam humilhá-la ao trazerem notícias falsas para manchar sua reputação, na tentativa de convencer outros sujeitos de que a sua morte é apenas mais uma entre tantas outras, mas especialmente podemos pensar nesses discursos em relação à formação ideológica de quem os espalha:

Acredita-se que a produção e o modo como o discurso de ódio é construído por estes sujeitos não se dá ao acaso. É por meio dele que ideologias são passadas, capazes de caracterizar quem são estes indivíduos e como eles são identificados ou mesmo construídos através dos SRS (sites de redes sociais). Ainda que moralmente não aceitos na sociedade, estes sujeitos parecem encontrar um espaço para consolidar, autoafirmar e viralizar os seus discursos violentos e mesmo as suas identidades, construindo um perfil social (ou antissocial) capaz de disseminar (ou dar visibilidade) às suas ideologias. (REBS & ERNST, 2017, p. 26, modificado).

Assim, podemos pensar que o sujeito do discurso de ódio, na verdade, quer dar visibilidade ao seu dizer para dar visibilidade à sua própria ideologia. Para isso, utiliza-se de dizeres violentos, que oprimem, reprimem, desmerecem e mesmo humilham outros sujeitos.

Exemplo disso é o recorte a seguir, retirado de uma publicação da rede social *Facebook*:

Figura 5 – Internauta defende que morte de Marielle não é mais relevante que outras



Fonte: print tirado da rede social *Facebook*

Desse modo, internautas compartilharam essas mensagens sugerindo que a morte de Marielle – pelo fato de ela ser negra, de origem pobre, feminista, militante, entre outras características citadas na publicação como “requisitos necessários” –, ganhou mobilização social, especialmente de pessoas que se identificavam com essas ideologias. Podemos perceber, no quadro 1, abaixo, as palavras escolhidas por este sujeito-internauta para caracterizar a médica Gisele Palhares Gouveia são trazidos a partir de características de Marielle que Gisele não possuía:

Quadro 1 – Comparação entre Marielle e médica assassinada no RJ feita por internauta na rede social *Facebook*

Marielle...	Gisele...	Então...:
“Defensora dos direitos humanos”	“ajuda as pessoas de forma efetiva”	Defender os direitos humanos não é ajudar as pessoas de forma efetiva...
Era negra	<-...“Não era negra”...->	Era branca
Era pobre	<-...“Não era pobre”... ->	Era rica
Era feminista	<-...“Não era feminista”... ->	
Era militante dos partidos políticos	<-...“Não era militante de partidos políticos”... ->	
Frequentava círculos LGBT	<-...“Não frequentava os círculos LGBT”... ->	Era heterossexual
Era do MST, CUT ou PSOL	<-...“Não era do MST, CUT ou PSOL”... ->	
Estava dentro dos programas de assistência e cotas do governo	<-...“Não estava dentro dos programas de assistência e cotas do governo”... ->	Era competente (meritocracia)

Fonte: elaboração da autora

Podemos entender, pela escolha das palavras, que o sujeito dessa postagem não quis dar relevância à morte da médica pelo que ela era, mas sim compará-la à Marielle em relação ao que elas não tinha de comum, justificando, com isso, que sua morte não foi tão comovente como a da ex-vereadora. Ao escolher dizer que ela “não era pobre, não era negra, não era feminista, etc...”, o sujeito está preferindo não dizer que ela era branca e rica, afinal, em qual formação ideológica se posiciona uma mulher de quem se diz ser “não-feminista”? Poderíamos inferir que, ao não se identificar com a ideologia feminista, ela estaria identificada, então, com uma formação ideológica machista.

Além disso, notemos que o sujeito refere-se a Marielle como “defensora dos direitos humanos”, enquanto a médica seria alguém que “salva vidas e ajuda pessoas de forma efetiva”, logo, entendemos que, para este sujeito, defender os direitos humanos e salvar pessoas são atitudes que se contradizem, ou seja, defender os

direitos humanos, para esse sujeito, não significa salvar vidas de forma efetiva, o que nos remete aos discursos do grupo ideológico formado por Bolsonaro e seus eleitores/fãs, que frequentemente proferem discursos contra os direitos humanos. Mais uma vez, vemos a ideologia política funcionando por trás dos discursos de ódio contra uma mulher: se a ideologia política dela não agrada um sujeito, ele usa de seu discurso para posicionar-se contra não só a ideologia, como também contra outro sujeito: o sujeito político da ideologia contrária, neste caso, Marielle.

Ao mesmo tempo em que alguns internautas se mobilizavam pela causa Marielle, os movimentos contrários começaram, então, a lançar nas redes sociais notícias falsas, que impulsionavam os internautas a sentirem ódio ou antipatia pela vereadora morta. Essas pessoas que lançaram esses conteúdos provavelmente eram de ideologia política contrária à da vereadora e, por isso, queriam manchar a imagem dela, para, em consequência, manchar o lado político que ela defendia. Assim, um alto número de *fake news* difamando a vereadora foram espalhadas pelas plataformas *online*.

Após esse breve resumo de quem foi Marielle Franco e dadas as circunstâncias de sua morte, seguida da grande mobilização (seja pró ou contra) no país, chegamos ao que nos interessa de fato: as notícias falsas que foram espalhadas sobre ela, os discursos (em forma de comentários, publicações e compartilhamentos) acerca dessas notícias e o que elas suscitaram que aparecesse na internet.

O caso de Marielle Franco nos interessa especialmente por se tratar de uma mulher política que teve grande repercussão nacional, já que muitas pessoas compartilharam, comentaram, publicaram e opinaram em relação às *fake news* disseminadas sobre ela, o que, por consequência, gerou muitos discursos circulando nas redes sociais. Além disso, claro, o fato de ela ser mulher é um dos pontos fundamentais para que esses discursos sobre ela componham o nosso *corpus*, já que nos interessa saber que dizeres estão sendo espalhados sobre a mulher nas redes *online*.

Os boatos que foram disseminados envolviam principalmente a vida pessoal de Marielle e sugeriam, entre outras alegações, que a vereadora estivesse ligada ao crime organizado ou mesmo que era usuária de drogas. Esses conteúdos foram espalhados pelo aplicativo *WhatsApp* e também por outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*.

Dentre os boatos espalhados, selecionamos aqui 5 (cinco) para ilustrar o tipo de conteúdo que estava circulando na rede social após a morte da vereadora³¹:

- 1- “Marielle era ex-mulher do traficante Marcinho VP”
- 2- “Marielle foi eleita pelo Comando Vermelho”
- 3- “Marielle era usuária de maconha”
- 4- “Marielle engravidou aos 16 anos”
- 5- “Marielle defendia bandidos”

Podemos notar como discursos machistas e preconceituosos estão funcionando nesses dizeres. Relacionar Marielle com bandidos, drogas e traficantes pode ser tomado como preconceito por ela ser uma mulher negra, de origem humilde e da favela. Isso porque, em uma sociedade preconceituosa e racista, os negros são associados a atividades criminosas, como podemos perceber nesses dizeres. Há a tentativa de associar a ex-vereadora a grupos criminosos. Ademais, também está presente um sentido que ressoa de um discurso machista: o dizer de que ela teria engravidado aos 16 anos, causando o efeito de sentido de que, se ela engravidou tão nova, é porque desde cedo já era sexualmente ativa, o que vai de encontro às ideologias conservadoras e machistas, visto que uma mulher que inicia sua vida sexual cedo não pode ser uma mulher “para casar” ou para formar família, pois ela é vista com desprezo e inferioridade.

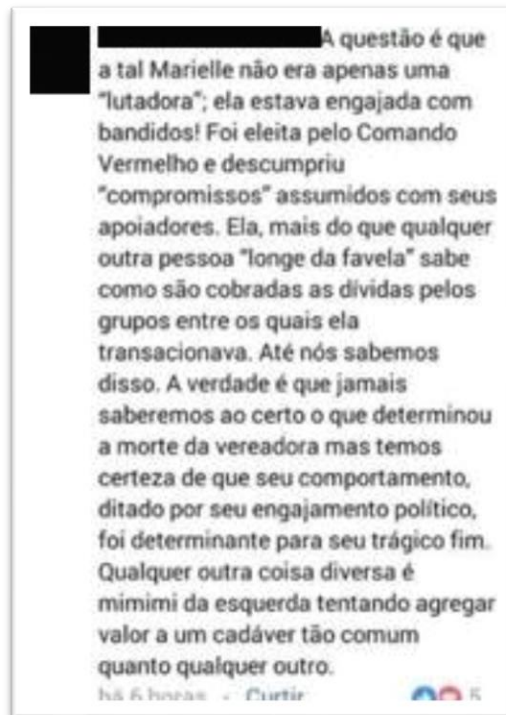
Todas essas notícias circularam nas redes sociais e foram desmentidas posteriormente. Entretanto, mesmo com a falta de comprovação da veracidade dessas informações, o que as configura como *fake news*, muitas pessoas tomaram esses conteúdos como sendo verdadeiros e passaram a expor opiniões e julgamentos em relação à Marielle baseadas nessas falsas notícias. A partir daí, surgiram vários discursos de ódio em relação à vereadora, que circulam na internet até hoje, mais de um ano após a sua morte.

Nesse sentido, recortamos alguns comentários feitos nas plataformas digitais sobre Marielle que se baseiam nos boatos que circularam sobre ela para constituirmos nosso *corpus* de pesquisa.

³¹ Informações retiradas de: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/cinco-mentiras-que-espalharam-sobre-marielle-equipe-da-ex-vereadora-lanca-site-contra-fake-news/> . Acesso em: 12 mar. 2019

No dia 17 de março de 2018, apenas 3 (três) dias após a execução de Marielle, a desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro fez uma postagem na sua rede social *Facebook*, afirmando, entre outras coisas, que a vereadora estaria envolvida com bandidos e que essa teria sido a causa do seu assassinato³²:

Figura 6 – Desembargadora do Rio acusa Marielle de envolvimento com bandidos



Fonte: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/desembargadora-acusa-marielle-franco-de-engajamento-com-bandidos-22500347.html> Acesso em: 12 mar. 2019.

A postagem original foi deletada do perfil da rede social da desembargadora que, quando questionada, afirmou que não conhecia Marielle antes de sua morte e se baseou no texto de uma amiga para fazer tais afirmações.

Mesmo com a postagem apagada, já havia um *print*³³ da publicação da desembargadora, que foi postada e noticiada no mesmo dia pelo *Jornal Extra*, com a manchete “Desembargadora acusa Marielle Franco de ‘engajamento’ com bandidos”, em seu *site*, que é vinculado à plataforma *Facebook*, visto que é possível compartilhar as notícias do *site* na rede social.

³² Informação retirada do *site*: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/desembargadora-acusa-marielle-franco-de-engajamento-com-bandidos-22500347.html> . Acesso em: 12 mar. 2019.

³³ Print consiste numa espécie de “fotografia” tirada da tela do celular ou do computador, que guarda em uma imagem o que se vê na tela no momento em que é capturado o print.

“A verdade é que jamais saberemos ao certo o que determinou a morte da vereadora, mas temos certeza de que seu comportamento ditado por seu engajamento político foi determinante para seu trágico fim.”

Nesse recorte da postagem da desembargadora, podemos notar que ela acreditava que o engajamento político de Marielle foi o que determinou sua morte. De fato, essa afirmação é verdadeira, entretanto não a partir do que ela afirmou anteriormente. Em sua publicação, ela afirma que Marielle, envolvida com bandidos, sabia dos riscos que estava correndo, sabendo que seria cobrada por dívidas dos grupos das favelas. O que a desembargadora fez foi uma tentativa de relacionar o assassinato da ex-vereadora aos “bandidos da favela”, tentando mostrar que Marielle foi responsável pela própria morte ao envolver-se com eles, entretanto, o que outros grupos de sujeitos nas redes sociais pensam é bem o contrário: de fato, alguém mandou matar Marielle por causa do seu engajamento político, entretanto a atitude não partiu dos “bandidos” da favela, mas sim de grupos políticos com ideologias contrárias à dela.

Nesse sentido, a afirmação de que o que contribuiu para a morte de Marielle foi seu engajamento político é verdadeira, porém não partindo dos grupos das favelas (a quem eles dizem que ela defendia), como afirmou a desembargadora, mas sim de grupos políticos contrários ao dela.

O que também nos interessa é que a publicação da desembargadora, seguida da reportagem sobre ela, motivou/alimentou comentários de ódio contra Marielle por pessoas que davam razão à desembargadora. Salientamos que, como esses são os dizeres que culminaram com as notícias falsas, consideramos importante a análise dos comentários feitos pelos internautas.

Quanto às notícias falsas que foram espalhadas sobre Marielle, detemo-nos em três:

“Marielle era ex-mulher do traficante Marcinho VP”

“Marielle era usuária de maconha”

“Marielle engravidou aos 16 anos”

Nessas fake News, podemos pensar que há diversos efeitos de sentido funcionando. Porém, em primeiro lugar, detenhamo-nos no principal conteúdo a que elas se referem: ser ex-mulher de alguém, usar drogas e engravidar. Dois destes

conteúdos referem-se exclusivamente à questão dela enquanto mulher: casar-se com alguém e engravidar.

Por que, entre tantos outros conteúdos falsos que poderiam ser criados sobre alguém, o sujeito que criou essas fake News utilizou-se de casamento e filhos para difamar uma mulher? Será que esses mesmos conteúdos também abalariam tanto se fossem referidos a um homem? Um homem ser pai cedo seria motivo para ser um político ruim ou má pessoa? Ter se casado com uma “mulher bandida” faria com que um homem famoso na política fosse alvo de tantos comentários de ódio quanto Marielle foi?

O que nos propomos a pensar é a questão de que essas escolhas não foram ao acaso. Ao espalhar uma notícia falsa de que Marielle, enquanto mulher e enquanto política, era casada com um traficante e que engravidou aos 16 anos de idade, o objetivo do sujeito era chocar a população. Afinal, se assim não fosse, ele nem sequer teria se dado ao trabalho de espalhar esses conteúdos. Percebemos, então, que a condição de mulher de Marielle auxiliou na escolha dos tipos de conteúdo que seriam espalhados para difamá-la. Ao espalhar que Marielle engravidou aos 16 anos, o sujeito criador dessa *fake News* buscava difamá-la enquanto mulher. Essa notícia remete à questão da promiscuidade: os grupos conservadores veem uma mulher que faz sexo desde muito nova como sendo promíscua, como alguém que não merece ser respeitada, de modo que ela é julgada, principalmente quando esse conservadorismo ressoa de alguma religião conservadora. Logo, ao espalhar a falsa notícia de que Marielle teria engravidado com 16 anos, os efeitos de sentidos que podem ressoar são os de que Marielle era promíscua, não sendo alguém que deveria ser valorizada, pois já nova relacionava-se sexualmente com homens, o que se torna ainda mais grave (aos olhos dos conservadores) por não ser casada, ou seja, infere-se que era possível que ela já tivesse tido, aos 16 anos, relações sexuais com mais de uma pessoa, algo inadmissível para grupos conservadores. Portanto, o intuito dessa fake News era manchar o nome de Marielle frente aos grupos conservadores ou mesmo sujeitos religiosos, além de outros grupos de sujeitos (mais idosos, por exemplo) que nasceram em tempos em que a liberdade sexual ainda não era tão normalizada quanto hoje, portanto, Marielle poderia passar a ser tida, por esses grupos, como um sujeito que não deve ser respeitado.

Podemos perceber, ainda, a insistência em querer associá-la a bandidos. Ao trazerem que ela era casada com um traficante e, ainda, que era usuária de drogas,

os sujeitos das fake News buscam ligá-la ao tráfico, à bandidagem. Essa é uma tentativa de fazer outros sujeitos acreditarem que ela não era uma “cidadã de bem”³⁴, que estava envolvida com atividades ilegais, que era uma criminosa. Tudo isso para que não houvesse comoção com sua morte: ou seja, se ela era uma bandida, que bom que morreu. Este é um dizer, inclusive, muito usado pelo presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, ainda enquanto candidato, e por seus milhares de eleitores-fãs: “bandido bom é bandido morto”. Circulou, ainda antes das eleições, um vídeo em que Bolsonaro dizia essa frase, e o atual presidente nunca hesitou em demonstrar que é isso mesmo que ele pensa: é a favor da pena de morte, entre outras características que desmereçam quem já se envolveu com atividades criminosas. Logo, seus eleitores/fãs/seguidores concordaram com ele e começaram a compartilhar esse dizer, afirmando que quem é bandido merece, sim, morrer. Por isso, nesse jogo político entre ideologias tão contrárias, quando a oposição de Marielle tenta retratá-la, por meio dessas notícias falsas, como uma bandida, eles estão levando muitos sujeitos a crer que sua morte não foi algo ruim, pelo contrário: seria algo visto por esses sujeitos como bom, como necessário.

Com a circulação de notícias falsas, pudemos perceber, nas redes sociais, que houveram muitos comentários feitos sobre a ex-vereadora. Afinal, conforme já mencionado neste trabalho, acreditamos que o sujeito sente a necessidade de se posicionar em relação a determinados assuntos. Ainda, há a questão de que na rede social o sujeito tem a ilusão da liberdade de poder falar o que quiser sem que seja punido por isso. Logo, unindo a facilidade das redes sociais para que o sujeito se posicione, mais a vontade dele de se posicionar, temos os comentários que os sujeitos online fazem nas publicações que envolvem Marielle.

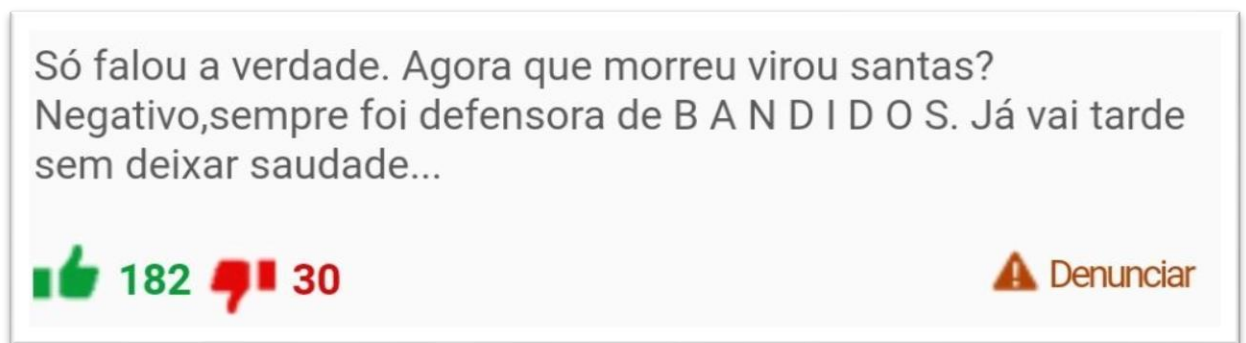
Assim, pensamos ser importante trazer, além da própria notícia, alguns dizeres de internautas que suscitaram após *fake News* serem espalhadas. Isso porque esses dizeres, em forma de comentários de internautas, trazem à tona os discursos enunciados nas *fake News*. Dentre os comentários que circularam em postagens de notícias falsas sobre Marielle, selecionamos para análise alguns que suscitaram dizeres sobre a ex-vereadora. Por exemplo, as *fakes News* que diziam que Marielle estava engajada com bandidos, que os defendia, que era casada com um bandido

³⁴ Bolsonaro e seus eleitores/fãs utilizam o termo “cidadão de bem” para se auto identificar, considerando cidadãos de bem aqueles que se identificam com seu grupo político-ideológico, já que, segundo eles, não defendem bandidos nem minorias, tornando-se, por isso, cidadãos de bem.

podem ter suscitado o seguinte comentário (figura 7), retirado de um site vinculado ao perfil do *Facebook*.

Salientamos que, por causa de denúncias, a justiça ordenou que todas as notícias falsas sobre Marielle fossem retiradas das redes sociais, logo, não tivemos acesso às postagens originais, porém esses dizeres continuaram circulando em outros locais aos quais tivemos acesso, sendo a plataforma abaixo um site de notícias que pode ser acessado diretamente pelo *Facebook*, de onde os sujeitos podem fazer comentários estando vinculados a um perfil na rede social.

Figura 7 – Recorte 1



Fonte: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/desembargadora-acusa-marielle-franco-de-engajamento-com-bandidos-22500347.html> . Acesso em: 12 mar. 2019.

No recorte “já vai tarde sem deixar saudade”, podemos perceber o ódio no dizer deste sujeito, logo, caracteriza-se como “discurso de ódio”. Ou seja, esse sujeito, ao proferir discursos odiosos contra alguém que morreu, dizendo que não fará falta, causa o efeito de sentido de que não deixará saudade porque sua ideologia não era a ideal, porque o que ela defendia não era bom para esse sujeito. Afinal, ela não vai deixar saudade para quem?

Para seus familiares, amigos, esposa... Estes, certamente sentirão saudades dela. Outros sujeitos, aqueles inseridos na mesma Formação Ideológica que ela, com certeza também sentirão falta dela, das suas lutas, da sua ajuda para novas conquistas políticas e sociais. A maior prova disso é que muitos sujeitos ainda compartilham a #Mariellepresente, do mesmo modo que há cobranças todos os dias nas redes sociais para que se descubra quem mandou matar Marielle. Há, inclusive, contagem dos dias desde a sua morte, dias estes que seguem sem respostas.

O que se pode inferir desse dizer do sujeito que acredita que ela não vai deixar saudade, então, é que a sua ideologia política não vai deixar saudade: para ele e nem para aqueles que concordam com ele. Ou seja, ele se manifesta, neste comentário, de modo que sua ideologia é que está também se manifestando, atravessando seu dizer, criando uma formação discursiva contra a ex-vereadora.

Ainda, podemos ver funcionando a questão do “bandido bom é bandido morto”, já que, ao afirmar que ela não deixará saudade, o sujeito pode estar levando em conta a notícia que se espalhou de que ela estaria envolvida com bandidos e, talvez, para esse sujeito, o bandido bom é o bandido morto e se, para ele, Marielle é bandida, então ele realmente não se importa com a morte dela.

Podemos inferir, nesse caso, que as fakes news espalhadas sobre Marielle cumpriram seu papel de manchar a sua imagem, visto que o sujeito desse comentário escreveu que ela “sempre foi defensora de bandidos”.

Ou seja, a fake News realmente funciona como impulsionadora do ódio contra alguém, especialmente quando os sujeitos que se deparam com esses conteúdos falsos inscrevem-se em ideologias contrárias às da vítima, pois isso os influencia a acreditar neles.

Além disso, circulou nas redes sociais a fotografia de uma mulher sentada no colo de um homem, sendo que internautas diziam ser a prova de que Marielle estava envolvida num relacionamento amoroso com o traficante Marcinho VP. Entretanto, a mulher da fotografia não era ela, e ela sequer teve um caso com ele, visto que existiam dois traficantes com o apelido: um morreu em 2003 e o outro foi preso em 1997, de modo que Marielle nunca foi casada com nenhum deles. Soma-se a isso o fato de que a vereadora era homossexual e vivia com sua esposa, sendo uma de suas principais frentes de atuação as pautas do movimento LGBT, conforme esclarecido pelo *site O Globo* na sua checagem “Fato ou Fake”, que, nesse caso, era “fake”.

Figura 8 – Fotografia de uma mulher que internautas diziam ser Marielle



Fonte: <https://www.boatos.org/politica/marielle-franco-colo-marcinho-vp-foto.html> . Acesso em: 29 mai. 2019.

Estamos em consonância com Medeiros (et al, 2011), quando trazem a compreensão de que a imagem é um discurso e dele reclamam sentidos.

Nessa mesma concepção, pensamos, ainda de acordo com Medeiros, que, se a imagem é um discurso, logo, ela está atrelada a formações ideológicas, carregando efeitos de sentidos de determinadas formações discursivas.

Se a imagem, em sua materialidade própria, e mediante as redes que estabelece com as séries de imagens que povoam a “realidade” social, instaura sentidos, não os instaura de forma isolada, desconectada; ela, antes de ser analisada como peça avulsa e unilateral, fora do jogo da história, deve ser concebida de maneira mais ampla. Na garimpagem por processos de significação, a imagem deve ser observada como sendo relativa a uma formação ideológica (MEDEIROS, et al, 2011, p. 45).

Além disso, há, nas imagens, aquilo que é da ordem do visível e aquilo que é da ordem do invisível, sendo a primeira o que se observa visualmente na imagem, e a segunda o que não é perceptível imediatamente.

O que é da ordem do **visível** se formula por meio de uma rede parafrástica, isto é, um conjunto complexo de imagens em torno do mesmo, do repetível e

socialmente estabilizado, que circunscreve certa regularidade acerca de objetos simbólicos [...], ou seja, os sujeitos operam uma escolha, mediada pela FD que os domina, dentre uma rede de sentidos possíveis que se encontram em relação de paráfrase. Tal escolha fornece aos sujeitos uma ideia de ilusão referencial, de relação direta entre as coisas e o mundo. Por sua vez, o que é da ordem do **invisível** remete igualmente a um todo complexo extralinguístico, porém entretecido pela possibilidade polissêmica latente que pode fazer emergir a diferença no interior das regularidades, via uma rede interdiscursiva, que comportaria todo o conjunto possível de imagens, aquelas esquecidas, apagadas, negadas, isto é, aquelas que não se inscreveram na história e são da instância ideológica constitutiva dos discursos [...]. É nesse jogo, entre os elementos que habitam a superfície da imagem e os que a permeiam, por vezes esquecidos na densidade da história, que devem ser instauradas as análises. (MEDEIROS et al, 2011, p. 46).

Logo, os efeitos de sentidos constituídos a partir da análise de uma imagem dão-se pela relação entre esses dois tipos de elementos, os visíveis e os invisíveis, de modo que o segundo tipo são aqueles que não estão explicitados, porém podem suscitar outros tantos sentidos possíveis (MEDEIROS et al, 2011).

Nessa imagem que circulou, a mulher está sentada no colo de um homem, com roupas curtas que deixam boa parte do seu corpo à mostra. Ao fazerem circular essa imagem associada à Marielle, provavelmente os sujeitos sabiam que conseguiriam manchar a sua imagem ainda mais. Ao trazerem a questão do corpo e, mais ainda, um corpo bastante exposto, fica explícito os efeitos de sentidos machistas que levarão outros sujeitos a desmerecer Marielle. Isso porque o corpo da mulher não é visto do mesmo jeito que o corpo do homem. Já tivemos fotos de políticos homens em praias, por exemplo, com pouca roupa, mas seus corpos não viraram notícia, nem foram espalhados com os mesmos sentidos que seriam se fosse o corpo de uma mulher.

Percebemos que essa imagem é uma tentativa de desqualificar Marielle, de mostrá-la como uma mulher vulgar, que se veste inapropriadamente, que senta no colo de um homem. Podemos pensar no seu funcionamento em comparação a uma mulher com princípios, conservadora, tradicional e recatada, que não se vestiria desse jeito... Logo, se Marielle se veste assim e, pior, senta publicamente no colo de um homem, os sujeitos em posições políticas e ideológicas de direita a veem como “vagabunda”, “vadia”, “vulgar”, entre outros adjetivos que a desqualificariam enquanto mulher. E aí entra de novo a questão: enquanto mulher. Não são imagens que a desqualificam num sentido qualquer, mas sim a algo que é exclusivamente da ordem da mulher: seu corpo, seu jeito de vestir, sua atitude de sentar no colo de um homem.

Afinal, quando se quer desqualificar um homem político, os sujeitos podem inventar falsas frases ditas por eles, envolvimento com corrupção, desvios de

dinheiro, desmerecer seu trabalho, enfim, há inúmeros modos de se criticar ou humilhar alguém sem que envolva seu corpo, porém, quando se trata da mulher, é isso o que acontece. Se queriam desqualificar ou desmerecer Marielle, por que não falar do seu trabalho? Por que não falar de atitudes comuns em seu dia a dia, que também poderiam ser criticadas se fosse com um homem? Quando se trata de mulher, o machismo sempre estará envolvido.

4.2. ELEIÇÕES 2018: CANDIDATA A VICE-PRESIDENTE PELA CHAPA DO PT, MANUELA D'ÁVILA É A PRINCIPAL VÍTIMA DE *FAKE NEWS* PROPAGADAS PELA OPOSIÇÃO

O ano de 2018 foi muito tumultuado, não só na vida fora das telas do mundo *online*, mas também nas redes sociais. Isso porque, em outubro, ocorreria a eleição para a presidência do país. As disputas já estavam muito intensificadas porque, após o Partido dos Trabalhadores (PT), do grupo político-ideológico 1, ganhar quatro eleições seguidas (em 2002 e 2006, os brasileiros elegeram Luís Inácio Lula da Silva, conhecido como Lula, e, em 2010 e 2014, Dilma Rousseff), a ex-presidente Dilma sofreu um *impeachment* em agosto de 2016, que foi constituído como “golpe” por muitos apoiadores do partido. Além disso, o ex-presidente Lula, que estava cotado para concorrer às eleições pelo partido, considerado um grande líder pela população adepta ao movimento esquerdista, foi preso nas vésperas da formação das chapas para a eleição, em abril de 2018, tendo sido impedido de concorrer à presidência. Assim, a chapa do PT foi montada por Fernando Haddad (concorrendo à presidência) e Manuela D'ávila (concorrendo à vice-presidência).

Ao mesmo tempo, surgia um candidato do grupo político-ideológico 2, Jair Bolsonaro, que concorreu à presidência pelo Partido Social Liberal (PSL). Bolsonaro, com suas declarações radicais, dividiu opiniões. Enquanto muitos o idolatravam e faziam campanha para ele, também surgiu um movimento contra que ficou conhecido como Ele Não ou #EleNão, liderado por mulheres e que, inclusive, mobilizou várias manifestações por diversas regiões do país contra sua candidatura.

Bolsonaro, de certo modo, tornou-se adversário direto do PT, pois, apesar de haverem outros partidos concorrentes, estes foram os dois que mais se destacaram na eleição, já que representavam as ideologias que os eleitores também mais se identificavam (muitos brasileiros defendiam o PT, enquanto outros apoiavam

Bolsonaro). Assim, estrelando as eleições, foram os dois partidos que disputaram o segundo turno. Além disso, Bolsonaro chegou a ofender ou mesmo trocar insultos diretamente com Haddad e Manuela em redes sociais, o que caracteriza a intensa antipatia que havia entre esses grupos contrários.

A partir dessa disputa entre representantes de ideologias tão contrárias uma à outra, surgiram inúmeras *fake news*, de ambos os lados, numa tentativa de desestabilizar os concorrentes, de manchar o nome de seus partidos políticos ou mesmo de levar a população a sentir ódio por determinado candidato. Nesse sentido, a candidata à vice-presidência pela chapa do PT, Manuela, foi quem mais foi atacada com notícias falsas propagadas pela oposição durante o período eleitoral, como podemos ver no recorte a seguir:

Figura 9 – Manuela D'Ávila é a principal vítima de fake news na eleição de 2018



Fonte: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/manuela-davila-fake-news-eleicao-de-2018.html> . Acesso em: 25 mai. 2019.

Entendemos que, ao espalharem informações inverídicas sobre Manuela, a oposição tinha como objetivo desqualificá-la não só como candidata política, mas também como mulher ocupando tal posição. Pretendia-se atingir todo o partido político ao levar o povo eleitor a acreditar nas mentiras espalhadas, numa tendência a incitar o ódio tanto contra Manuela quanto contra todos que estivessem de alguma forma conectados à mesma ideologia que ela.

As *fake news* que se espalharam sobre Manuela foram desde montagens com fotografias da candidata até a manipulação de suas falas, que foram tiradas do contexto original. Além disso, também se espalhou o boato de que ela estaria envolvida no ataque ao candidato Bolsonaro, que levou uma facada durante a campanha.

Nesse sentido, nos interessam, para análise, as notícias falsas que circularam sobre Manuela pela grande repercussão que tiveram e mesmo por, como veremos a seguir, algumas pessoas preferirem continuar acreditando numa mentira mesmo após a verdade ser revelada, o que comprova que acreditar em *fake news* tem muito a ver com uma inclinação ideológica, neste caso, político-ideológica.

Além disso, ela foi mais atacada do que Fernando Haddad, que encabeçava a chapa, o que nos leva a refletir se, por ser mulher, ela torna-se um alvo mais fácil para que notícias caluniosas se espalhem. Assim, buscamos identificar se essas notícias, publicadas com má fé pela oposição, ferem Manuela como mulher e, principalmente, como uma mulher ocupando um lugar na política.

Desse modo, as *fake news* que se espalharam sobre ela se encaixam nos requisitos escolhidos para este trabalho (notícias falsas espalhadas na internet que eram sobre mulheres e que tiveram repercussão nacional), de modo que tomamos como *corpus* de análise os seguintes boatos compartilhados a partir destas notícias:

- 1- Fotografia falsa de Manuela usando camiseta com o dizer “Jesus é travesti”;
- 2- Fotografia falsa de Manuela com aspecto não saudável e com tatuagens de Ernesto Che Guevara e Vladimir Lênin;
- 3- Fotografia falsa em que uma mulher de calcinha é atribuída à Manuela;
- 4- Boato de que Manuela estaria envolvida no ataque a Bolsonaro;
- 5- Falas descontextualizadas de Marielle usadas pela oposição.

Bolsonaro, tendo apoio de boa parte dos cristãos, tinha como *slogan* de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Assim, estrategicamente, seus apoiadores espalharam uma montagem³⁵ em que Manuela supostamente estaria usando uma camiseta que trazia a frase “Jesus é travesti”, o que vinha a calhar para a oposição, que espalhava a fotografia com mensagens de alerta para as famílias cristãs e moralistas, no sentido de que estes não deveriam votar em alguém que não respeitava a imagem de Jesus.

Figura 10 – Candidata à vice-presidência, Manuela alerta sobre fake news



Fonte: <https://twitter.com/ManuelaDavila/status/1047144937345748994> . Acesso em: 07 jan. 2019.

Manuela compartilhou uma imagem no *Twitter*, desmentindo a imagem e mostrando a imagem original e ainda alertou o povo para ter cuidado com as notícias falsas.

³⁵ Montagem é a edição de uma fotografia original para que se crie outro sentido ou outra imagem.

Ao analisar essa mesma imagem em seu artigo, Alves (2018) chega à conclusão de que:

O objetivo desta fake news está em profanar a imagem da candidata, apontando um desacato à religião cristã compartilhada por grupos moralistas, em sua grande parte composta por comunidades religiosas que amparam seus ideais em valores morais e de bons costumes, pregando o conceito de família aplicado apenas à identificação de gênero binário, homem e mulher, formando a chamada “família tradicional brasileira”. Posicionar a figura divina de Jesus como um indivíduo travestido, destacando ainda uma imagem de arco-íris, que faz referência direta à comunidade LGBTQ, fere os ideais morais e preconceituosos destes grupos, levantando assim julgamentos de reprovação e ódio sobre a imagem de Manuela D’Ávila. (ALVES, 2018, p. 213)

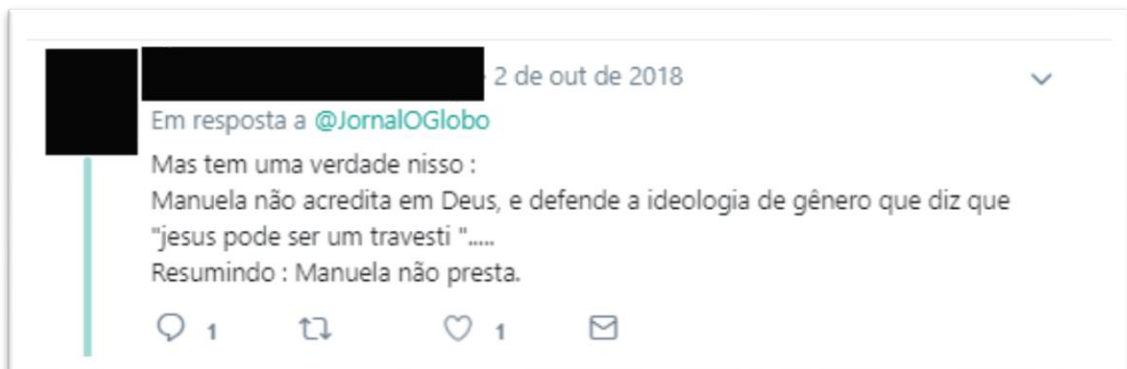
O jornal *O Globo* também postou em sua conta no *Twitter* que a imagem era falsa, entretanto, mesmo com a fotografia sendo desmentida, muitos internautas continuaram com comentários de ódio ou mesmo preferiram continuar acreditando nas fake news, como podemos ver nos recortes a seguir, selecionados para análise justamente porque trazem sentidos que circularam mesmo após a fotografia verdadeira ser publicada, comprovando que a outra não passava de uma montagem:

Figura 11 – Recorte 2



Fonte: arquivo pessoal – *print* retirado do *Twitter*.

Figura 12 – Recorte 3



Fonte: arquivo pessoal – *print* retirado do *Twitter*.

Esses recortes mostram que o sujeito que cria e também aquele que espalha as fake News se importa muito menos com a verdade do que como fato em si. Ou seja, ele criou o que ele vai acreditar. Não importa, para alguns sujeitos, se a notícia é desmentida posteriormente, não importa o seu grau de veracidade ou não. Podemos pensar que vivemos numa sociedade onde é comum a propagação das notícias falsas, mas num tempo em que uma parte dos sujeitos que a compartilham sabe que é falsa e mesmo assim acredita nela. Porque preferem acreditar numa verdade inventada, desde que essa falsa verdade interesse ou favoreça a sua formação ideológica. Podemos ver funcionando, nesses recortes, o que foi tratado no subcapítulo sobre pós-verdade deste trabalho.

Desse modo, podemos pensar, então, que o compartilhamento dessas fake News tem o funcionamento de que só importa o efeito que isso vai gerar, e não a verdade em si. Num mesmo sentido, estamos em consonância com Alves (2018), quando a autora defende que a verdade não importa para esses sujeitos:

Podemos constatar que a credibilidade dada às falsas verdades expõe um momento em que a busca pela verdade é colocada em segundo plano ou ainda é desconsiderada no ato de ponderação e tomada de decisões políticas e éticas. Não se há mais a busca por fontes confiáveis, a verdade se desprende dos fatos, estudos históricos e investigação científica para se tornar informação montada. (ALVES, 2018, p. 213).

Logo, a verdade tornou-se aquilo que convém a determinado sujeito ou grupos de sujeitos. Ela é adaptada para cada um conforme o convém. O que não convém é ignorado, descartado, enquanto a informação que favorece, mesmo sendo inverídica, é aquela na qual o sujeito prefere acreditar e compartilhar. A verdade tornou-se, assim, uma mercadoria, “comprada” pelo sujeito conforme tiver conveniência para sua a formação ideológica e discursiva.

Numa publicação em seu *site*, o Partido dos Trabalhadores alegou que a maioria das mensagens falsas espalhadas sobre Manuela eram moralistas, machistas e misóginas, e se propunham a intuir que Manuela não se encaixava no padrão de mulher “bem vista” pela sociedade e que, por isso, não merecia ocupar a vice-presidência.

Uma das imagens que circulou foi a fotografia de uma mulher de calcinha acompanhada da frase “vice de Haddad, quer ser a vice-presidente do Brasil”, que induzia que a mulher na fotografia era mesmo Manuela. Entretanto, na época candidata, Manuela usou seu perfil na rede social *Instagram* para desmentir o boato.

Na legenda da fotografia, Manuela desabafou: “Esses canalhas mentirosos, investigados por financiamento ilegal de R\$ 12 milhões em envio de fake news por whats, tem que se decidir: ou sou essa magra sem tatuagens ou a tatuada”, referindo-se à outra fotografia que foi espalhada dela, a qual também traremos mais adiante.

Figura 13 – Recorte 4



Fonte: <https://pt.org.br/manuela-davila-alvo-de-fake-news-e-do-machismo-de-bolsonaristas/> . Acesso em: 29 maio 2019.

Num desabafo em relação à sua trajetória política coexistente com um mundo machista, Manuela postou uma foto em seu Instagram, com uma legenda em que se imagina dizendo algo, agora mais madura, a si mesma no passado, à Manuela jovem que estava começando sua vida na política:

O que Manuela de 2019 diria para a Manuela de 2004 que aos 23 aninhos tornou-se a mais jovem vereadora da história de Porto Alegre e está aí nessa fotografia? Não sofra sozinha, guria. Acredite, com os anos serão muitas parlamentares mulheres com a tua idade. Eles vão te chamar de burra, idiota,

vagabunda. Vão dizer que é só um rostinho bonito, que não passa de um fenômeno. Todos os teus adversários e colegas homens, do mesmo movimento estudantil, serão talentosos, brilhantes, habilidosos. Tu sempre serás vista com desconfiança: A roupa, o corpo, o jeito, o linguajar. Vai doer. Ah! Vai doer bastante. Vai ser solitário. Tu vais chorar. Mas vais rir muito porque vai ser muito bonito o teu caminho. E cada vez ele vai ser mais bonito, guria. Cada vez vai ter mais gente e mais mulheres te dando a mão. Por isso, vai com tudo, guria. Vai valer a pena. E um dia tu vais olhar pra essa foto e pensar: que menina corajosa que eu fui (D'AVILA, 2019).

Com esse dizer, a própria Manuela revela notar o machismo que está funcionando em relação a ela. Ao afirmar que todos os homens do mesmo movimento serão vistos como talentosos, brilhantes e habilidosos enquanto ela será vista com desconfiança, Manuela busca mostrar a questão aqui tratada: mesmo estando em posições iguais na sociedade, a mulher sempre será vista e discursivizadas de modo diferente, simplesmente pelo fato de ser mulher.

Outra notícia falsa que se espalhou sobre Manuela era a de que ela estaria envolvida no ataque a Bolsonaro, conforme vemos na figura 14 abaixo:

Figura 14 – Recorte 5



Fonte: *print* retirado da rede social Facebook.

No recorte acima, podemos perceber que o sujeito qualifica Manuela como “vagabunda e vadia”. Esses adjetivos pejorativos são direcionados a ela enquanto mulher, porém nem sequer tem a ver com o falso conteúdo noticiado. A manchete afirma que ela estaria envolvida no ataque a Bolsonaro, logo que poderia ser uma criminosa. Entre os adjetivos que o sujeito do comentário usou está “bandida”, o que, se o contexto fosse verdadeiro, ainda seria razoavelmente aceitável, pois alguém que está envolvido numa tentativa de assassinato pode ser chamado de “bandido”, já que esta palavra pode ser referida a indivíduos que praticam atividades criminosas. Porém, além disso, ele a chama de “vagabunda” e de “vadia”, que são termos que nada tem a ver com questões legais ou ilegais. São termos usados simplesmente para desqualificar uma mulher, usados para se referir a mulher que leva vida devassa ou imoral. Percebemos, assim, que a escolha desses adjetivos não tem necessariamente a ver com a notícia, mas o sujeito está preocupado em ofendê-la enquanto mulher.

Também se espalhou pelas redes sociais uma fotografia manipulada de Manuela, onde ela aparece com tatuagens que na verdade não tem, bem como com olheiras e aspecto cansado. A própria candidata compartilhou a fotografia em seu perfil no Facebook, num desabafo contra quem estava disseminando tal conteúdo:

Figura 15 – Manuela faz desabafo após fotografia manipulada se espalhar pelas redes sociais



Fonte: <https://pt.org.br/manuela-davila-alvo-de-fake-news-e-do-machismo-de-bolsonaristas/>
Acesso em: 29 maio 2019.

O sujeito que adulterou essa imagem de Manuela, ao adicionar tatuagens de Lenin e Che Guevara, provavelmente queria associar a candidata à imagem desses homens que defendiam ideologias que se aproximavam de questões sociais. Logo, mais uma vez a intenção é fazer com que grupos conservadores, que não concordam com essas ideologias, acreditem que ela está de algum modo ligada a eles.

Além disso, houve outra manipulação da aparência da candidata: como ela mesma afirmou, aumentaram suas olheiras. Podemos inferir que há, aqui, um efeito de sentido remetendo à uma mulher desleixada, uma mulher que não cuida da sua

aparência, pois aparece em público com olheiras. Aqui, entra a questão da beleza, como se a mulher precisasse estar sempre bonita, bem vestida, bem-disposta, para agradar ao homem. Uma mulher política, então, por trabalhar muito e ter uma rotina cheia de compromissos, não consegue cuidar de si mesma, de sua aparência, logo, não seria a mulher “bela, recatada e do lar” que os grupos conservadores preferem.

Ela ainda comenta, na imagem, que seu cabelo foi alvo de comentários e afirma que cabelos de homens nunca são assuntos, mas de mulher sim. Ou seja, podemos inferir que o machismo ainda está, sim, presente na sociedade atualmente, pois ele funciona nos discursos que circulam sobre mulheres. Ademais, quando a própria candidata faz um desabafo sobre isso, podemos notar que o machismo a incomoda, ou seja, a mulher nunca está em paz, mesmo ocupando cargos importantes ou concorrendo a outros, ela precisa estar se defendendo, o tempo todo, por sua condição como mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, intitulado como “*Li na internet, deve ser verdade*”: uma análise discursiva dos dizeres sobre mulheres políticas nas redes sociais teve como objetivo analisar o funcionamento dos dizeres sobre mulheres políticas nas redes sociais a partir de notícias falsas que foram espalhadas sobre elas, tendo como objetos de pesquisa as fake News sobre a ex-vereadora Marielle Franco, que foi assassinada no Rio de Janeiro em março de 2018, fazendo suscitar diversas fake News nas redes sociais sobre sua vida pessoal; além de Manuela D’Ávila, candidata à vice-presidência do Brasil nas eleições de 2018, concorrendo pela chapa do PT, também vítima de notícias falsas que envolviam sua imagem enquanto mulher e enquanto política.

Gostaria de refletir brevemente sobre minha trajetória até chegar a esta dissertação. Ingressei na graduação em Letras – Licenciatura da UFSM no ano de 2014 e, em novembro do mesmo ano, passei a fazer parte do grupo PET Letras, que foi o meio pelo qual me aproximei da professora Taís Martins. Isso porque o grupo PET tinha como base o tripé: ensino, pesquisa e extensão, de modo que além dos projetos compartilhados, cada integrante deveria buscar um orientador para desenvolver uma pesquisa. Assim, por indicação da minha colega Adriane Gulart (*in memoriam*), escolhi a professora Taís para me orientar. Tudo isso sempre junto com a minha colega Luisele, que escolheu a mesma orientadora que eu e desde então sempre foi minha dupla em tudo, na graduação e no mestrado.

Durante os anos da graduação em que realizei pesquisas com a professora Taís, já vinha demonstrando o meu interesse em estudar assuntos relacionados à mulher de um modo geral, pois estudamos temas como os discursos sobre a mulher a partir de sinopses de filmes e, posteriormente, a partir de propagandas. Assim, buscar refletir sobre os dizeres em relação à mulher é um tema com o qual eu sempre me identifiquei.

Desse modo, ao ingressar no mestrado em Linguística, no ano de 2018, mais uma vez sob a orientação da professora Taís, o tema mulher continuava presente. Inicialmente, iríamos trabalhar com a mulher nas propagandas, entretanto surgiu uma nova ideia: com a questão das fake news se tornando muito presente nas redes sociais, e, principalmente, a partir da repercussão da morte da ex-vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, decidimos trocar o tema e estudar “os dizeres sobre a mulher nas redes sociais a partir das fake news”, principalmente pela questão de

percebermos que muitos usuários levam a sério as notícias que leem nas redes sociais, mesmo sem verificarem antes se aquele conteúdo é verídico ou não, o que gerou o dizer: “se tá na internet, é verdade” ou “li na internet, deve ser verdade”, dizer este que faz parte do título de meu trabalho justamente para mostrar que alguns sujeitos, ao se depararem com uma notícia, passam a acreditar nela porque aquilo lhes convém.

E por falar em título, o meu trabalho tinha, primeiramente, como título: **“li na internet, deve ser verdade”**: uma análise discursiva dos dizeres sobre a mulher nas redes sociais, mas, após a qualificação e as alterações sugeridas pela banca, resolvemos não generalizar o conceito “mulher”, mas sim inserir o termo “mulheres públicas na política” em seu lugar, pois compreendemos que meu corpus se tratava de mulheres políticas/públicas, então achamos viável já dar essa ênfase ao nosso objeto logo no título do trabalho. Assim, conseguimos mostrar o que estamos nos propondo a analisar: dizeres sobre mulheres políticas nas redes sociais.

Quanto à escolha de trabalhar com dizeres do mundo online, devemos levar em conta que vivemos conectados, que rolamos a tela do celular facilmente e que passamos postagem por postagem, o que nos leva a entender que os discursos na internet circulam, hoje, com muita facilidade e rapidez. As redes sociais tornaram-se o lugar que o sujeito utiliza para posicionar-se, para ter voz, como venho trazendo em meu texto de dissertação, afinal, conforme Dias (2009), o sujeito é afetado pela cultura tecnológica, de modo que ele é interpelado a se posicionar neste espaço.

Ainda, há a questão da ilusória liberdade que as redes sociais proporcionam, pois o sujeito acredita e sente-se livre para postar o que quiser, pensando que não sofrerá consequências. Ademais, a facilidade de postar também contribui para que o sujeito o faça. Conforme Flores (2019), o sujeito que não se posiciona se torna invisível para o mundo online, de modo que ele precisa publicar, pois se ele apenas ler e não postar nada, torna-se invisível nessa rede social, então há a necessidade de comentar, compartilhar, posicionar, e a rede social permite que ele assim o faça. Por isso, pensamos que a questão das fake news tomou uma enorme proporção nesses espaços, pela facilidade com que os conteúdos circulam e pela velocidade com que as informações são disseminadas online. Logo, o sujeito que se depara com esse conteúdo compartilha com seus amigos, que compartilham também, de modo que se atinge vários sujeitos em pouco tempo, o que nos mostra que ao mesmo tempo que a

internet vem para facilitar nossas interações enquanto sujeitos, também pode ser usada para divulgar conteúdos maliciosos ou duvidosos.

Nosso trabalho, portanto, teve como objetivo investigar os discursos que circulam nas redes sociais, por meio da análise de publicações que contenham notícias falsas sobre mulheres inseridas na política do país, a fim de poder explicitar como se constitui o discurso sobre a mulher política nesses espaços digitais. Para tanto, tomamos como aparato teórico principal a Análise de discurso de linha francesa, estruturada por Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil. Desse modo, buscamos analisar comentários e publicações de internautas que se posicionam em relação à mulher, compartilhando e auxiliando a disseminação de um conteúdo falso que é tomado por ele (e, por conseguinte, por outros usuários das redes) como verdade.

A proposta deste trabalho, então, foi analisar os sentidos de dizeres sobre mulheres partindo de discursos que se encaixassem em três requisitos: serem significados a partir de notícias falsas, estarem presentes em redes sociais e se referirem a mulheres políticas.

O trabalho está dividido em quatro capítulos principais, além das considerações finais, de modo que na introdução trago questões relativas à escolha do tema, bem como uma reflexão sobre o papel da internet no mundo atual, o modo como as fake news estão se espalhando e uma reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, justificando assim a escolha do objeto de pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado “internet, um novo espaço para uma prática antiga”, busco refletir sobre a internet, principalmente as redes sociais, como espaço de dizer, como espaço onde os sujeitos se posicionam atualmente, além de explicar como as fake news ganharam destaque nesse mundo globalizado, em que uma mentira conveniente vale mais para o sujeito do que uma verdade que não lhe interessa ideologicamente.

No capítulo 3, intitulado “as mulheres na sociedade”, busco mostrar os caminhos de lutas feministas que foram – e ainda são – necessárias para termos conquistado tantas coisas, porém também tento refletir sobre como as mulheres políticas, mesmo ocupando cargos importantes, ainda são vistas com menosprezo e inferioridade pela sua simples condição de ser mulher.

No quarto capítulo, intitulado “OS DIZERES QUE CIRCULAM SOBRE A MULHER POLÍTICA NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA”, trago os

recortes das notícias falsas sobre as mulheres políticas Marielle Franco e Manuela D'Ávila, conceituando cada um dos casos, para então analisar os efeitos de sentido que foram gerados dos dizeres repercutidos sobre elas nas redes sociais, a partir das várias notícias falsas que circularam sobre essas duas mulheres políticas.

Quanto aos recortes analisados, cito aqui brevemente:

Sobre Marielle, foram analisadas as notícias falsas de que:

- 1- era ex-mulher do traficante Marcinho VP”, que
- 2- “foi eleita pelo Comando Vermelho”, que
- 3- “era usuária de maconha”, que
- 4- “engravidou aos 16 anos”, que
- 5- “defendia bandidos”,

além de uma falsa fotografia em que ela estaria sentada no colo de um homem.

Analisando esses recortes, chegamos à conclusão de que discursos machistas e preconceituosos estão funcionando nesses dizeres. Relacionar Marielle com bandidos, drogas e traficantes pode ser tomado como preconceito por ela ser uma mulher negra, de origem humilde e da favela. Isso porque, em uma sociedade preconceituosa, os negros são associados a atividades criminosas, como podemos perceber nesses dizeres. Ou seja, houve tentativa de associá-las a bandidos, para que não houvesse comoção com sua morte: ou seja, se ela era uma bandida, que bom que morreu, nos remetendo à frase “bandido bom é bandido morto”, que é usada por certos grupos ideológicos de nosso país.

Quanto à falsa imagem que circulou, compreendemos se tratar de uma tentativa de desqualificar Marielle, de mostrá-la como uma mulher vulgar, que se veste inapropriadamente, que senta no colo de um homem. Podemos pensar no seu funcionamento em comparação a uma mulher com princípios, conservadora, tradicional e recatada, que não se vestiria desse jeito... Logo, se Marielle se veste assim e, ainda, senta publicamente no colo de um homem, os sujeitos em posições políticas e ideológicas de direita a veem como “vagabunda”, “vadia”, “vulgar”, entre outros adjetivos que a desqualificariam enquanto mulher. E aí entra de novo a questão: enquanto **mulher**. Não são imagens que a desqualificam num sentido qualquer, mas sim a algo que é **exclusivamente da ordem da mulher**: seu corpo, seu jeito de vestir, sua atitude de sentar no colo de um homem.

Em relação à Manuela, entendemos que as fake news tinham como objetivo desqualificá-la não só como candidata política, mas também como mulher ocupando tal posição. Foram analisadas as seguintes fake news:

- 1- Fotografia falsa de Manuela usando camiseta com o dizer “Jesus é travesti”;
- 2- Fotografia falsa de Manuela com aspecto não saudável e com tatuagens de Ernesto Che Guevara e Vladimir Lênin;
- 3- Fotografia falsa em que uma mulher de calcinha é atribuída à Manuela;
- 4- Boato de que Manuela estaria envolvida no ataque a Bolsonaro;
- 5- Falas descontextualizadas de Marielle usadas pela oposição.

Desse modo, pudemos constatar a presença do machismo nos discursos trazidos sobre Marielle e sobre Manuela.

Para finalizar, trago alguns questionamentos e algumas reflexões que resultaram da análise de meu corpus de pesquisa.

Sobre a questão das fake News, foi possível entender que elas têm um funcionamento especial nas redes sociais hoje em dia. Isso porque, ao mesmo tempo em que alguns sujeitos sabem que estão lidando com um conteúdo falso, eles, mesmo assim, compartilham, comentam, passam adiante, por uma questão ideológica: **a verdade não importa**, desde que o conteúdo o beneficie de alguma maneira. Assim, quanto mais essas postagens falsas sobre mulheres políticas são compartilhadas, mais elas são vistas por outros internautas, que, por sua vez, também escolherão (mesmo que inconscientemente) acreditar nela, ou não, de acordo com sua ideologia política, o que foi constatado por meio da análise dos comentários de internautas em ambos os casos: Marielle e Manuela.

Observamos que as fake News realmente cumpriram com seu papel de manchar a imagem dessas duas mulheres políticas, uma vez que elas suscitaram comentários de internautas que proferiam discursos de ódio contra elas com relação a notícias que não eram verdadeiras. Assim, as fake News funcionaram como impulsionadoras de ódio, trazendo opiniões de diversos sujeitos que acreditaram nos conteúdos propagados intencionalmente contra as vítimas.

Com o desenvolvimento deste trabalho, observamos como as mulheres, em especial as mulheres públicas políticas, ainda são tratadas com inferioridade em relação aos homens, sendo discursivizadas a partir de questões que as tomam enquanto mulheres: sua sexualidade, seu corpo, seu jeito. Isso porque as notícias

falsas espalhadas sobre essas mulheres traziam à tona questões particulares, inferiorizando-as enquanto mulheres, pois remetiam a questões sexuais e corporais, na tentativa de mostrar que elas, enquanto mulheres promíscuas, com tatuagens, envolvidas com bandidos, etc., não poderiam ser boas políticas para o país.

Nesse mesmo sentido, trago agora uma polêmica envolvendo Manuela D'ávila em 2016, antes mesmo de ser candidata à vice-presidência. A então deputada postou, em sua rede social, uma foto amamentando a sua filha e recebeu, dentre outros, o seguinte comentário: “exposição desnecessária da mama de uma deputada, ela deveria apenas falar o que faz sem mostrar, depois reclamam de assédio e falta de respeito”.

Apesar deste conteúdo não se tratar de uma fake news, podemos observar que as polêmicas sobre suas posições enquanto mulher já existiam mesmo antes de ela ser candidata à vice-presidência, enquanto ainda era deputada. Podemos perceber que o sujeito, ao vê-la enquanto mulher política, espera que ela deixe de ser mulher, pois acha que ela não pode mostrar em sua rede social seu momento íntimo com a filha. Esse sujeito não consegue aceitar que uma mulher normal, que amamenta sua filha assim como tantas outras mulheres, ocupa um lugar de destaque na política do país. Assim, entendemos que o machismo está presente nesse discurso. Manuela, inclusive, respondeu a esse comentário dizendo que *“esse peito não é de deputada, é da mãe da Laura. Amamento onde quiser, o peito é meu.”*, tentando mostrar que, além de deputada, ela também é mulher e tem seus direitos. Além disso, o sujeito ainda tenta justificar a questão do assédio e falta de respeito pela postagem dessa foto, como se o fato de ela expor um momento íntimo automaticamente permitisse que fosse desrespeitada ou assediada.

Concluimos, portanto, que o machismo está sim, infelizmente, ainda presente em nossa sociedade, e que a mulher, especialmente a mulher política, ainda é menosprezada, diminuída e até mesmo objetificada, como se não pudesse ocupar um papel importante na política do país ao mesmo tempo em que ocupe papéis importantes enquanto mulher, como o de ser mãe. Pudemos compreender, ainda, que os diversos discursos sobre a mulher presentes nas redes sociais, tanto em forma de fake news como na forma de opiniões dos sujeitos-internautas, procuram pautar o que a mulher deve ou não fazer, especialmente aquela que é figura pública, que exerce cargos políticos. Entendemos que esses são discursos machistas e de ódio, e

observamos, inclusive, que esse machismo é proferido tanto por homens como por mulheres.

Desse modo, identificamos, por meio deste trabalho, que todos esses efeitos de sentidos machistas estão em funcionamento nos discursos proferidos pelos sujeitos online das redes sociais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, G.; SILVEIRA, J. Pós-verdade e fake news: equívocos do político na materialidade digital. In: Seminário de Estudos em Análise de Discurso, 2018, Recife. **Anais do SEAD**. Recife: UFPE, 2018. v. 8. p. 1-6.

ALVES, L. F. Fake News: contra-ataque à pós-verdade. 17.ART • 17º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, 2018. ISSN: 2238-0272

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

DARÓS, E. P.; SOUSA, L. M. A.; GARCIA, D. A. D(N)Os sentidos que se marcam nos dizeres de ontem e hoje: a (r)existência da mulher. **Revista FSA**, Teresina, v. 16, n. 3, art. 11, p. 211-224, mai./jun. 2019.

DIAS, C. A língua em sua materialidade digital. **Anais do SEAD**. Simpósio. III SEAD – 2007. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/CristianeDias.pdf>>. Acesso em: 10 abr.2018.

_____. **A discursividade da rede (de sentidos)**: a sala de bate-papo HIV. 2004. 176f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

_____. A escrita como tecnologia da linguagem. In: SCHERER, A. E.; PETRI, V.; DIAS, C. (Orgs.). **Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento**. Coleção HiperS@beres. Volume II. Santa Maria: PPGL, UFSM, 2009. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf> Acesso em: 10 abr. 2018.

DIAS, C. P.; IGLESIAS, D. Fake News: Especialistas explicam o fenômeno da atualidade. 2018. (Programa de rádio ou TV/Entrevista). Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/fake-news-especialista-explicam-o-fenomeno-da-atualidade/> Acesso: 02/01/2020

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed, 112 p. São Carlos, SP. Editora Claraluz, 2008.

FERREIRA, M. C. L.. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon** (UFRGS), v. 24, p. 17-34, 2010.

FLORES, N. M.; CERVO, L. M. *Textão* nas redes sociais: o dizer online. **Linguagens & Cidadania**, v. 19, jan./dez., 2017.

FLORES, N. M. O textão no Facebook: o posicionamento do sujeito na rede. 2018. 129p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. A Marcha das Vadias nas redes sociais: um discurso da militância? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 43, vol. 3, p. 1041-1055, set-dez 2014.

GUILHERME, M. L. F.; NUNES, P. A. O ciberespaço e o posicionamento ideológico em comentários on-line. **Caderno de Letras UFF**; Niterói, v.27, n.54, p.191-211, jan.-jun. 2017

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (Orgs). **Práticas Discursivas e Identitárias. Sujeito & Língua**. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaio, 22).

MEDEIROS, C. S.; BECK, M.; VARGAS, R. A. Imagens da/na contemporaneidade: um convite à análise, uma convocação à teoria. **Rua** (UNICAMP), v. 2, p. 42-63, 2011.

OLIVEIRA, L. C. **Marielle Franco**: um estudo da trajetória feminina no âmbito político brasileiro. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal De Juiz De Fora, Juiz de Fora, MG, 2018.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação dos Sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PETRI, V. F. S. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, à desmistificação em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

Rancière, Jacques. **Política, polícia, democracia**. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

REBS, R. R., ERNST, A. Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais. **Diálogo das letras**, v. 6, n. 2, p. 24-44, 2017.

ROUSSEFF, DILMA. Dilma Rousseff. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DilmaRousseff/posts/1609153079138277/>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução: Celina Porocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

TANDOC, E. C.; Lim, Z. W.; Ling, R. Defining “Fake news”: A typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2017.1360143> . Acesso em: 21 mai. 2019.

TAVARES, M. **Feminismos: Percursos e Desafios**. Alfragide, Portugal: Texto Editores Lda, 2010.

ZOPPI FONTANA, M. G.; FERRARI, A. J. Apresentação: uma análise discursiva das identificações de gênero. In: ZOPPI FONTANA, M. G.; FERRARI, A. J. (Orgs.). **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia – volume 1**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SITES CONSULTADOS

<https://pt.globalvoices.org/2017/10/08/se-quer-entender-o-brasil-conheca-os-seus-memes/>. Acesso em: 10 out. 2018.

<https://segredosdomundo.r7.com/como-comecou-cultura-de-memes-no-brasil/> . Acesso em: 10 out. 2018.

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html . Acesso em: 10 out. 2018.

<https://www.dicionariopopular.com/fake-news/> . Acesso em: 10 out. 2018.

<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-globalizacao.htm> . Acesso em: 10 out. 2018.

https://www.instagram.com/p/B2fV_IVgE9P/?igshid=h1xy47wzo156 Acesso em: 19 jan. 2020.